

Director: MANUEL DA SILVA CAMPOS
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL
DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Inscrição: Incluído o Suplemento semanal,
Lisboa, 90\$50; Província, 3 meses 28\$50;
África Portuguesa, 6 meses 70\$00; Estrangeiro,
6 meses 110\$00.

A BATALHA

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 5339 CENTRAL
Cálculos de Impressão e Estereotipagem
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-fei-
ras.—Não se devolvem os originais.—Os arti-
gos publicados são responsabilidade dos autores

DOMINGO, 22 DE FEVEREIRO DE 1925 DIÁRIO DA MANHÃ PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VI — N.º 1916

A amizade deles

Quere-nos O Século fazer convencer que o patronato morre de amores pelo operariado e que só as intrigas dos políticos e por ventura as sugestões dos que ele chama os *meneurs* do movimento operário é que têm feito supor que há da parte dos patrões uma certa mal vontade contra os trabalhadores. Ora a verdade é que os operários sabem muito bem que essa hostilidade do patronato ao operariado não é uma invenção dos militantes, nem estes são *meneurs* e, antes, muitas vezes recebem as sugestões da própria massa operária. O operariado sabe muito bem a exploração infame, vilíssima que se faz do trabalhador e não pode considerar que ela seja um produto da cordealidade e afectividade dos patrões.

Nas oficinas, as crianças e as mulheres são remuneradas com salários irrisórios e a chamada legislação de protecção a elas especialmente destinada é letra morta por culpa exclusiva dos patrões que a não cumprem. As mulheres e as crianças têm trabalho nocturno, quando os patrões lhes convém e um trabalho excessivo além do máximo determinado legalmente. As mulheres grávidas têm de suportar o período de gravidez ou trabalhando, em prejuízo do filho que está para nascer, ou deixando de receber salário e alimentando-se mal em prejuízo dela e da criança que traz no ventre! Além disso a higiene das fábricas é revoltante, algumas são verdadeiros focos de infecção, alforobes de doenças.

E' tudo isto feito por amizade aos operários?

A verdade é esta: sempre que o patrão considera uma despesa, desiste dela quando entende que dela lhe não resulta um lucro imediato. Estupidamente quasi todos consideram que as despesas feitas com um pouco de bem estar para a classe trabalhadora não são reprodutivas e não dão uma intensificação à produção. Por isso as não fazem.

A saúde, a própria vida dos operários correm perigo? Não importa. Inutilizados ou mortos estes, outros virão, não faltam braços. Assim, quando os operários envelhecem, prontamente os substituem por outros mais novos. Muitas vezes têm mais cuidados e atenções por um simples animal, que se lhes morrer representa para eles um prejuízo (é sempre o interesse egoísta que os move e não um sentimento de piedade por todos os seres viventes, do que por um operário que os sirva e cuja vida lhes não interessa.

Como é, pois, que O Século quer que nós julgemos que toda esta atitude não é senão uma deferência, uma ternura da parte dos patrões que temos de considerar como nossos grandes amigos e protectores? Só por caçoada. E vá lá que veio na quadra própria.

AS INTRIGAS DAS FORÇAS VIVAS

pretendem levar o exército a praticar um gesto irreflectido contra o povo :-

As «forças vivas» e os reacçãoários veem estabelecido em torno do exército uma intriga baixa e reles, no intuito de levar aquela corporação a praticar qualquer acto violento contra o proletariado e os avançados que estão desenvolvendo uma enérgica campanha contra os exploradores, campanha, aliás, que longe de prejudicar os componentes do exército, antes os beneficia porque na sua esmagadora maioria também são explorados pelos negociantes sem escrúpulos e pelas oligarquias financeiras.

Essa intriga não tem surtido efeito, porquanto o exército, composto na sua maioria por pessoas que, como o povo, nada vendem e, portanto, não roubam o freguês, compreende muito bem que, colocando-se ao lado das «forças vivas» para vibrar no país um golpe de força, vibraria um tremendo golpe nos seus próprios interesses.

Mas a teia de mentiras dos reacçãoários habilitados insinuadas na opinião pública, rapidamente se desfaz.

A repartição do gabinete do ministério da guerra comunicou à imprensa não ser verdade que naquela repartição se tivesse falado na substituição de alguns comandantes das unidades de Lisboa, como noticia o *Diário de Lisboa* de ante-onde, nem tão pouco ser verdade que qualquer comissão tivesse pedido ao sr. presidente do ministério a substituição de alguns comandos das unidades de Lisboa como informou o mesmo jornal.

Também o sr. Martins Santareno, secretário da comissão que promoveu a manifestação a Belém, declara ser absolutamente falso que qualquer dos vogais dessa comissão, ou alguém pelos mesmos autorizados, tivesse pedido a demissão do comissário geral da polícia, sr. Ferreira do Amaral, ou de qualquer outro funcionário civil ou militar.

Continuam eles a intentar a intriga?

Uma questão justa

O génio dramático nasce dum decreto?—Um protesto de jornalistas, críticos e escritores

Assinada por inúmeros escritores, actores, jornalistas, críticos teatrais e escritores vai ser presente à Câmara dos Deputados a seguinte representação:

Os abaixo assinados: actores, críticos, teatrais, escritores e jornalistas, vem perante o poder legislativo, em defesa da arte teatral protestar contra o decreto 9764 (que já várias vezes tem sido prorrogado) pelo qual de futuro se podem exercer a profissão de actores os alunos da escola oficial da arte de representar!

Esse documento legislativo reporta-se ao decreto de 25 de Maio de 1911. Ora o relatório que antecede este decreto lamenta a decadência do teatro nacional e elucida: «o teatro de propaganda animada que rompesse, audacioso e justiciero, contra o preconceito e o dogma, contra a podridão de cima e o servilismo de baixo, esse teatro livre, irreverente e activo, mais generoso e emancipador só por acaso e raras vezes conseguia ver a luz da ribalta.» Isto em 1911. Estamos em 1925 e esse teatro «generoso e emancipador» continua a ser apenas representado pelos alunos da Escola Teatral, escola livre, dirigida pelo mestre Araújo Pereira.

Registava o supracitado relatório a circunstância de uma escola sindical existente, não satisfazer as exigências do ensino porque a colectividade não possuía «material scenico». Pois bem, a Escola Teatral tem «material scenico». Mais, tem teatro próprio — o *Juvenia*.

Argumenta o autor do decreto 9764 que é preciso promover o levantamento da arte dramática nacional. Estamos perfeitamente de acordo. Mas de que maneira?

Nós desejamos o teatro livre, aquele teatro preconizado pelo relatório-preambular do decreto de 1911, o teatro «generoso e emancipador». Entretanto o autor do decreto 9764 deseja o levantamento da arte, pelo monopólio da arte!

Não — os trabalhadores intelectuais não deixam passar sem protesto, esse crime de lesa-arte.

Escreveu um defensor do teatro: — «o levantamento da arte dramática está em substituição do teatro imoral e sem objectividade que se exhibe, pelo teatro educador, desenvolvendo temas sociais.»

Diz o art. 3.º do citado dec. 9764: que de futuro «nenhum documento de licença (para representar) será passada pela Inspectão Geral dos Teatros sem que pelo artista seja apresentado o diploma da Escola de Arte de Representar.» Esse «diploma de artista dramático» é só para os alunos que concluírem o curso com (1.º ou 2.º) prémios, mas só os 1.º tem ingresso no Teatro Nacional. Todavia o art. 53.º acrescenta: — podem ainda alcançar o referido diploma os indivíduos estrangeiros à Escola que tenham exercido a profissão de artista dramático, devidamente comprovada, por tempo não inferior a cinco anos.» Isto é de futuro pode representar uma corista que tenha exercido o seu mister em qualquer teatro de feira, durante aquele período. Não podem representar os artistas com manifesta vocação, talento, saber, representando com arte o mais trabalhoso dos papeis cómico ou dramático! Não podem, representar os amadores dramáticos, embora com manifesto valor. Não podem representar os alunos da Escola Teatral, de Araújo Pereira, embora essa escola possua «material scenico», um teatro próprio, tenha valores artisticos, e exhiba o teatro «generoso e emancipador!» Parece que o legislador teve como objectivo atingir a Escola Teatral, a escola livre, de onde saem artistas conscientes.

Não, senhores legisladores, não consentis que se monopolize a arte.

Amanhã, outro decreto ampliará o 9764, e scenógrafos, pintores, escultores, caricaturistas, poetas, prosadores, todos os trabalhadores intelectuais; carecem de licença ou antes de... matricula!

Senhores legisladores, os abaixo assinados em defesa da arte dramática, vem respectivamente solicitar a revogação do dec. 9764.

Amanhã é pôsto à venda mais um número interessantissimo do

Suplemento literário de A BATALHA

SUMARIO:

A ordem deles...
Animatógrafos, pela médica D. Adelaide Cabette.
O Teatro Livre, por Eduardo Frias.
Ecos da semana.
O Conto do Suplemento—O escravo redimido, por Ferreira de Castro.
A margem duma conferência, por José Carlos de Sousa.
Origem e evolução do Carnaval.
Júlio Dantas em pantufas, entrevista com o grande escritor.
A alma russa.
O Carnaval miserável.
Fotografias artisticas, «clichés» de A. Santos.
O que todos devem saber...
Chico, Zecas & C.ª.

O julgamento de Arias, Quairós e Rivera

Tinha sido marcado para o dia 19 de Janeiro o julgamento dos três operários, Arias, Quairós e Rivera, aos quais a pesadade de inocentes, quer a burguesia cubana condenar a morte sob a acusação de assassinos por envenenamento, mas por qualquer motivo particular foi o julgamento adiado para o fim do mês. Não sabemos, o que se passou, mas a justiça de Cuba, as ordens dos capitalistas, deseja aniquilar estes três trabalhadores conscientes, e não hesitará em fazê-lo, no caso em que o proletariado revolucionário lho consinta.

SOBRE O CARNAVAL...

Carta sentimental a uma virgem de olhos sonhadores...

Seus olhos românticos, onde se parece projectar todos os recantos floridos da terra, todos os rosais longíquos, adormecidos sob um véu de saudade, semi-cerravam-se de momento a momento, feridos pelos reverberos que a luz da escadaria arrancava às joias que engalanavam o colo daquelas virgens.

E você sonhava—sonhava e sofria. Li-o nos seus olhos, decifrei-o no seu rosto. Aquilo perturbava as suas pupilas que, apesar do sonho denso que as envolvem, nada mais têm contemplado, como presa, como propriedade, do que a uma casa suntuosa, onde talvez hajam crianças, irmãs, filhos mais novos, que se cobrem com velhos trajes e que deliram de alegria quando ao sábado v. compra para eles, tirando os tostões ao seu modesto salário, uns biscoitos secos, desses que nos tralalânticos se dão aos passageiros de terceira...

Os seus olhos—ah! o poder de expressão dos seus olhos românticos—revelavam bem a perturbação que aquela opulência lhe causava. V. admirava-se de que houvesse um baile assim—enquanto no seu *atelier*, nos muitos outros *ateliers* por onde já passou ou passará ainda, milhares de criaturas iam fervendo lentamente, irremediavelmente, a confeccionar os mil elementos de que são feitos os sumptuosos vestidos que aquelas outras virgens levavam orgulhosamente.

E v. surpreendia-se de que nenhuma reparasse em si. E se afinal v. era tão bela como elas!

Houve um momento — lembra-se? — em que v. parecia ter os seus olhos alheados de tudo aquilo — quicá os tivesse pousados na casa em que v. reside, uma casa sem luz, sem conforto e sem a possibilidade dum baile carnavalesco... Então seus olhos despiram-se de sonho, surgiram fúlisantes, revoltados.

Eu ia decifrando seu estado de alma e supuz ver, então, que v. se interrogava a si própria — sobre a diferença, que havia entre o seu corpo e a sua alma, para quem não estavam reservadas senão torturas e a alma e o corpo daquelas outras virgens, que tudo disfrutavam...

Ah! minha virgem de olhos sonhadores! naquele instante v. sentiu-se vítima dum enorme injustiça e pensou em todas as outras raparigas que como v. são sacrificadas.

Afinal também este ano o carnaval não lhe reservava nenhuma alegria. Naquela noite v. via os outros divertirem-se em vez de ficar também alegre sentia vontade de chorar.

E nos dias seguintes, hoje, amanhã e depois, v. teria de quedar-se à janela, a ver transitar uns tumbantes de mau gosto, ou vir para a Avenida, contemplar ainda aquelas virgens ricas que passavam, arrogantes, em seus carros sumptuosamente engalanados.

Não. Havia em tudo isso uma grande injustiça — compreendia-o v. pela primeira vez.

E pegando no braço de sua companheira, v. depois de olhar mais uma vez para aquele passeio, exclamou:

— Eles têm todas as persianas corridas! E' para que o povo não saiba...

E partiu, rumando à Avenida Duque de Loulé.

E agora, depois de todos estes pormenores, v., de quem ignoro o nome e morada, deve ter-se reconhecido como a destinatária desta carta. E infeliz de mim se assim não suceder, pois eu só escrevi esta para lhe dizer que a fiquei admirando muito e que guardo a doce esperança de que v. me responda...

FERREIRA DE CASTRO

O desastre do poço Stein

No poço Stein, onde pereceram 141 mineiros, encontrou-se ao lado dos seus cadáveres, uma inscrição a giz, sobre a camada de carvão, dizendo:

«Nós estamos perdidos! Combatei por uma existência melhor! Vingai-nos dos capitalistas, nossos assassinos!»

Grito patético que significa: «Se nós morrermos, os exploradores do proletariado da mina têm a responsabilidade, porque a presença do grist tinha sido assinalada à direcção das minas, que não se preocupou com isso e deixou consumir-se o crime».

Este último apêlo à solidariedade e à vingança dos seus irmãos proletários, deve-nos incitar a redobrar os nossos esforços, afim de levantar as massas operárias para a sua emancipação integral, por uma revolução que deve ser obra exclusiva dos próprios produtores.

A crise de trabalho na Austria

A crise de falta de trabalho é quasi mundial. Em todos os países industriais número dos sem trabalho aumenta continuamente. A miséria negra estende-se sobre os lares proletários, enquanto os privilegiados da sociedade exibem um luxo insolente e provocador. Mas a revolta vai despertando no fundo do coração dos oprimidos.

Na Austria a crise está no seu estado agudo. Em Viena realizouse recentemente uma manifestação a 200.000 desempregados. Depois de aprovada uma moção, os manifestantes dirigiram-se para o palácio da Assembleia Nacional, mas a intervenção da policia impediu-os de lá chegar.

Na Austria, como por toda a parte os dirigentes julgam poder resolver os grandes problemas da miséria pela acção policial, e pelo terror que ela inspira, mas isto não evitará a explosão fatal das amarguras dos explorados.

A SITUAÇÃO EM ESPANHA

AFONSO XIII

Na actual situação espanhola quem mais tem chamado a atenção tem sido o flamante rei Afonso XIII.

Por toda a parte se diz que é um talento extraordinário e a maior preocupação, para não dizer a única, da diplomacia espanhola é em fazer crer aos nacionais e estrangeiros que ele possui qualidades excepcionais, sabendo tudo, distinguindo-se de todos pela sua inteligência e pericia, enfim um Afonso engenheiro, literato, agricultor, etc.

Naturalmente as pessoas sensatas pouco ou nenhum caso fizeram destes elogios, pois não é possível que qualquer ser humano possa distinguir-se em todas as matérias e ao mesmo tempo e porque se sabia também que Afonso XIII se interessava mais pelas caçadas, bailes, viagens e pela roleta, do que pelo estado.

O seu dever obrigava-o a interessar-se pelos problemas nacionais, mas, pelo que se vê, ele pouco ou nenhum interesse tinha pelo povo, que até aqui tem desempenhado o papel de escravo.

Estalou a guerra europeia, essa guerra que a classe capitalista provocou para fins infames, sob a capa dos nomes a *pátria*, *deveres sagrados*, etc. Foi aqui que o «grande sábio» demonstrou a sua ignorância, pois rindo-se do que os diplomatas espanhóis tinham afirmado, mostrou claramente que apenas sabia desempenhar o modesto papel de jogador ou de «chauffeur».

Desde então Afonso XIII viu-se perante graves problemas, pois teve que intervir em assuntos de ordem internacional, originando resultados tão desastrosos e ridículos, que a «intelectualidade» de Afonso perdeu rapidamente quasi todo o terreno adquirido.

Mas como, infelizmente, uma desgraça não vem sózinha, em 1921 deu-se a catástrofe de Marrocos e viu-se então claramente na Espanha a que ponto chegava o seu «saber», que o fazia cair de torpeza em torpeza. Por fim o parlamento viu-se obrigado a acusá-lo e o povo soube então quem era o causador do desastre.

Que atitude devia tomar? E foi desde esse momento que o rei apeliou para os militares que assaltaram o poder e amordaçaram a imprensa para ocultar as culpas do soberano. Mas chegaram... tarde! Hoje todos sabem quem ele é, sobretudo desde que as nossas grandes inteligências, como Unamuno e Blasco Ibañez desmascararam o ex-sábio de triste memória. Mas o castigo está próximo... e dentro em pouco a vergonhosa dinastia será derrubada pelo povo.

[JUAN ESPAÑOL]

NO SEIO DA IGREJA

A heresia do bispo Brown dos Estados Unidos

Em Cleveland, Estados Unidos, reuniram-se em assembleia os altos dignitários da igreja episcopal, para julgarem a conduta do bispo William Brown, o autor dum célebre livro «Comunismo e Cristianismo», que aqui há anos apareceu.

A acusação que pesa agora sobre o referido padre é de propagar doutrinas contrárias aos ensinamentos eclesiásticos, e de pôr em dúvida a divindade de Jesus e a virgindade de Maria.

Para se defender dos seus acusadores, o herético bispo declarou o seguinte:

«Incluo o nome santo de Jesus entre todas as vítimas das injustiças, entre todos os trabalhadores, e entre todas as vítimas do capitalismo, que foram enviadas à guerra para morrer. Nós enganamo-los, dizendo-lhes que estavam servindo a sua pátria. Com a nossa mentalidade estreita, colocámo-los diante da Santíssima Trindade, e não diante dum Deus universal».

A heresia do bispo Brown está pois nos seus sentimentos humanitários, e compreende-se, bastando para isso ler as campanhas alcivosas e odiosas da imprensa católica, que um homem honrado não pode pertencer à confraria dos mercadores, que fizeram das doutrinas de Cristo a capa das suas latrocínios, das suas imoralidades e das suas perversões.

O povo japonês manifesta-se contra o fascismo

Produziu-se espontaneamente em Tóquio uma manifestação contra as medidas arbitrárias dum poder que não se mantém senão pelo fascismo.

O assassinato de Osugi e da sua companheira, há um ano e meio, não foi senão um episódio deste terror reacçãoário, que mergulha na escravidão o povo japonês.

Mas eis que o proletariado de Tóquio se revolta.

A notícia que o governo pediria poderes mais extensos para a repressão da «muito grande liberdade de expressão nas palavras ou nos escritos», provocou uma demonstração de muitos milhares de pessoas, que percorreram as ruas de Tóquio cantando hinos revolucionários.

Manuais e intelectuais

apenas trabalhadores conscientes dos seus direitos lutam contra a mesma exploração de que são vítimas

Homens de incontestada envergadura mental, como Ramada Curto, Coelho de Carvalho, Raúl Brandão, Aquilino Ribeiro e Magalhães Lima, têm afirmado na *Batalha* a sua discordância do predomínio imoral das oligarquias financeiras e a sua simpatia pelas reivindicações do proletariado.

O operariado não está só na sua luta contra os exploradores que, possuindo já a liberdade de nos roubar, querem ainda alcançar a liberdade de exercer em todo o país o seu tirânico domínio.

Não se compreendia, de resto, que os homens de pensamento elevado e culto, os trabalhadores intelectuais, vítimas como os manuais da desenfreada exploração capitalista, não estivessem ao lado do escravo contra o senhor, do tiranizado contra o tirano.

E esta concordância, que dia a dia mais se acentua, dos intelectuais com os manuais, mais odiosa torna a situação daqueles, que possuindo cultura e conhecendo melhor as verdades sociais que nos cercam, colocam o seu pensamento, a sua energia mental ao lado das pretensões injustas da classe dominante. Esses que, tendo a faculdade de escrever com elegância, vendem a sua pena e a sua consciência aos traficantes ambiciosos que dominam o povo e arruinam o país não fazem uma obra de errado idealismo, cometem uma traição indigna aos seus próprios interesses.

Não acreditamos que homens inteligentes, como Trindade Coelho, defendam sinceramente as injustiças flagrantes que todos os dias as chamadas «forças vivas» praticam. Por isso aos homens de cultura, aos verdadeiros valores mentais que poderiam atraí-los a sua alta função social de, pela afirmação da verdade, esclarecer cerebros e iluminar consciências, alugando vilmente a sua pena; aos que por pudor intelectual se conservam fieis aos princípios de justiça que mandam acompanhar o proletário na sua acção emancipadora, endereçamos a nossa melhor simpatia.

Convém salientar a atitude dos intelectuais que escutam com doce aprazimento os clamores justos do povo. Convém salientar essa atitude porque muitos deles poderiam, como tantos outros, atraí-los a verdade, vendendo o seu valor social e a sua consciência por alguns punhados de notas estampadas no Banco de Portugal. Não seguem eles esse tortuoso caminho que tantos proveitos pessoais lhes grangearia—e bem haja. Na luta travada entre a iniquidade e a justiça, optam por esta embora ela esteja por enquanto ao lado dos mais fracos.

Homens de letras, publicistas, dramaturgos, sentem-se mais próximos dos seus irmãos de trabalho. A estes devem a sua solidariedade de trabalhadores.

Se as oligarquias, que neste país tão soberbas e aguerridas, se mostram exploram tanto o trabalho do cavador como o do literato ou o dos artistas, porque contrassenso haveria o cavador de defender-se só, sem o concurso dos outros, dos explorados intelectuais?

Em face da exploração capitalista não há manuais nem intelectuais—valores de trabalho igualmente necessários e respeitáveis—há apenas trabalhadores conscientes que lutam pelos seus direitos calçados.

ECONOMIA...

As «forças vivas», que, mais modernamente se mascaram de «forças económicas» pretendem que o regimen da «economia» seja implantado no nosso ridículo país.

A economia das «forças vivas» ou económicas—reveste dois aspectos altamente interessantes.

Economia—para as classes capitalistas—consiste, simplesmente, em obter o maior lucro possível com o menor esforço possível.

A economia, para as classes trabalhadoras, consiste—segundo a opinião mais respeitável das «forças económicas» em gastar o mínimo possível produzido o máximo que o depauperado físico do trabalhador possa consentir.

E' nisto que consiste a economia das inteligentes «forças vivas» deste país.

Economizar o máximo nos seus encargos gerais para que as «forças vivas» possam gastar o máximo para satisfação das necessidades impostas pela sua «alta» situação social.

Economizar o máximo com os seus servos para que eles, mercê de prodigios...



A ambição das «forças vivas» seria assambarcar o mundo, mas o mundo seguindo a sua natural evolução, esmagá-los há

CARTA DO PORTO

Os mineiros de São Pedro da Cova

estão sofrendo uma grande crise de trabalho e redução de salários

Por mais duma vez temos abordado a miséria ingente dos mineiros de São Pedro da Cova. Os informes que ultimamente temos recebido força-nos a que, de novo, voltemos a fazer algumas tristíssimas considerações.

O esforço caloroso e titânico que o proariado desta cidade emprestou ao heroico movimento dos mineiros de São Pedro da Cova, que resultou graves acontecimentos de sérias consequências — terminou por cair no olvido, por ser «escarnecido» pela tração de uns e pela indiferença da quasi totalidade dos escravos das minas do jesuita Torcato...

As realidades, morais e materiais, que tão arduamente foram conquistadas a quando da última greve de São Pedro da Cova, foram no excurso do esquecimento e da covardia, indo juntamente com elas tantas energias dispendidas pela organização operária...

O grande explorador Torcato, acolitado pelos seus ajudantes às ordens e pelo colosso da mina do abade, teve a supremacia e a material habilitação de comprar, dando-lhes bons lugares de capatazes, os conhecidos Nisco e Manhosos — aqueles mesmos que o proletariado organizado os auxiliou enormemente para que, no seu julgamento pelos célebres assaltos de São Pedro da Cova — como repercussão dos desta cidade —, lhes saísse, quando não a absolvição, pelo menos uma sentença pronunciadamente suavizada...

E os patifes, atraídos pelos «frinça di-nheiros», tiveram o repugnante cinismo de se venderem.

Esta tração tremenda, a reclamar justiça, «iscarioticamente» voluntária, ou epigrama imposta pelo decorrer dos tempos, originou um lamentável desânimo entre os desgraçados forçados do reaccionário Torcato: eles eram considerados, por aqueles toupeiras humanas sem energia própria, como sendo os nervos, o sangue da classe, da Associação dos Mineiros e Anexos de São Pedro da Cova...

A tração, a empreitada e a crise...

Calculando o Nisco e o Manhosos todas as suas atitudes: prostituindo o seu passado, traçoicamente vendendo-se às malignâncias da empresa mineira — a desconfiança brotou, logo no embotado reflectivo dos prisioneiros das entrinhas da terra... do jesuita Torcato... Era o que este pretendia com a sua compra...

Os mineiros e anexos, desorientados, deixaram cair a sua colectividade profissional: tremelinharam-se... Desorganizados, divididos, sem nenhum contacto de inteligência entre si, esqueceram-se de que o trabalho de empreitada fora sempre a sua ruína. Irreflexivamente, de novo se deixaram cair no conto do vigário, regressando a aquele estúpido e prejudicialíssimo sistema de produção. Os stocks encheram-se até transbordar e, portanto, aconselhar uma dispensa de braços.

O Torcato, raposa mãe de sacristia, ingressou, mal se esboçou a melhoria cambial, no corno da baixa de salários... O momento era propício e a desorganização dos mineiros excelente...

Como a produção, mercê das intermináveis horas da empreitada, é abundante — despediu uma grande porção de operários: a crise, propiciada, em São Pedro da Cova tornou-se, pois, pavorosa... Famílias sem pão, corpos sem agasalho, crianças sem berço, lares sem leite e com a angústia da morte a apossar-se delas... A miséria é a mais extrema imaginável, e cremos que não há pena, por mais superior e scintilante que seja, que possa pintar tão horríveis quadros de penúria. Não são vidas que se observam, são espectros dolorosos que se arrastam, penosamente, pelas estradas lamacentas do lugar e são encolhidas pelos sapinhos que os picus do auto do Torcato lhes arremessam aos tristes farrapos esvoaçados...

Succede, então, este caso revoltante: os despedidos vão, numa atitude humilhante, rastejando pelos abrolhos da misericórdia alijamente implorada, até junto do cínico, do hipócrita Torcato pedir trabalho. E o Torcato, dando uma expressão de riso sarcástico ao seu rosto quasi «tetraédrico», lá vai, depois de simular uma montanha de dificuldades, admitindo este, aquele, aquele outro...

Mas com esta aviltante condição: não são admitidos como operários antigos da empresa, mas como modernos, sujeitos a nova inscrição e, portanto, sem realidades de espécie alguma e com os salários rebaixados em 50 %... E assim, para amostra, que os salários de \$850 desceram para \$450!

Desta ignóbil exploração, até se tem ressentido o comércio local: o desgraçado, depois de sair do degrado da empresa mineira, encaixa-se na «prisão» do cubículo até ter de voltar para os trabalhos galeianos...

Uma vantagem conseguiram os mineiros, por intermédio do sotaquino bonzo: a de, em lugar de trabalharem às noites de sábado, passaram a fazer-las de domingo. E para eles, «descansando» nas noites de sábado, possam, domingo de manhã, assistir à missa...

Tal é a situação degradantíssima dos mineiros de São Pedro da Cova, os quais, pela íntima e milionária vez, estão a pensar no erro da empreitada e da ruína a que ela os levou. «Reconsiderarão e levantar-se-hão mais uma vez, a despeito dos traidores»?

20 Fevereiro 1925. C. V. S.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidária

CONSULTAS NO PORTO

Em virtude do Carnaval, a costuma consulta jurídica do dr. Campos Lima no Porto, só se efectua na próxima quarta-feira, às 21 horas e no local do costume.

nas economias, consigam ter a ilusão de que é possível viver dentro deste admirável sistema de economia social.

A economia!

Eis o grande problema do momento. É necessário que a economia do país seja equilibrada, enchendo os cofres da alta finança e do alto comércio do ouro que, até a valorizar o país ante as outras potências capitalistas.

E para isso é necessário que o operariado adquira indispensáveis costumes de economia. É necessário que eles aprendam a vi-

O CARNAVAL

Origens e tradições

A etimologia da palavra carnaval dá-nos a ideia de um termo latino *car-nis*, carne e *vale*, adeus; segundo outros, não entra na sua derivação o termo *vale* mas sim *levare*, que significa tirar, vindo, portanto, a dar na mesma, havendo ainda outros que preferem dar-lhe origem franco-latina, apresentando o vocabulo como derivado de *caro* *avale*, o que ainda quer dizer a mesma coisa.

Vejamos agora alguns dados históricos acerca deste período de tradicional loucura, que não poupa os povos, ainda os que se encontram num estado semi-selvagem. O carnaval vem, provavelmente, das festas pagãs, como as *bachanais*, e muitas outras em que as bachantes, na entusiástica e delirante celebração de Baco, corriam, seminuas, cobertas apenas por peles de tigris, que cingiam com folhas de videira, desgrenhadas, dançando, gritando e cantando ao som de trombetas e címbalos.

Festas idênticas celebravam todos os povos da antiguidade, nas quais se aliava o disfarce à doideira, aliança que permitia e desculpava toda a licença dos actos que se praticavam durante as mesmas festas. Citaremos, como exemplo, a do boi *Apis* no Egipto; a de *Phurim*, entre os hebreus, para comemorar a queda de Alam; as *bachanais* também dos helenos; as saturnais dos romanos, durante as quais os escravos se vestiam livremente com os trajes dos seus senhores; as *lupercias*, as festas de Cybele, as dos doídos e dos inocentes, na idade média, etc., etc.

Os cristãos imitaram depois no seu carnaval as orgias das saturnais e começaram a celebrar essa festa em 25 de dezembro, abrangendo nela, além do Natal, o Ano Bom e a Epifania, e tanto imitaram essas orgias, que, em 1444, a faculdade de teologia de Paris achou do seu dever intervir no caso, o que surtiu tão pouco êxito como o havia tido Tertuliano, S. Cipriano, S. Clemente de Alexandria e S. João Crisostomo, os quais vivamente combateram a disfarçada devassidão.

Depois do século XV, fez-se sentir no carnaval a benéfica influência italiana, substituindo a orgia e a obscenidade pelo espírito e pela galanteria; entretanto, em pleno século XX, a grosseria, a banalidade e a devassidão voltou a ser idêntica à do folião carnavalesco das eras mortas.

Entre os povos semi-selvagens, o carnaval é também um costume arreigado, havendo, por exemplo, os negros do Haiti, que usam pôr-se máscaras brancas, e os índios do Brasil que se arranjam de forma que as suas cabeças pareçam a de vários peixes, javalis, tigres e símios. Por sua vez, os árabes imitam danças guerreiras, colhidas da tradição romana.

Quanto ao uso das máscaras, diremos que ele nasceu dum intuito imitativo, tendo sido Thespis quem primeiro as empregou. A princípio faziam-se as máscaras com folhas duma planta chamada *arctium* (a *Arctium* Lappa, dos botânicos) bardana que tem a propriedade de aderir aquilo a que se chega. As máscaras foram primeiramente usadas pelos actores, e com as exigências scenicas, foram-se aperfeiçoando, fazendo também parte delas as orelhas, o cabelo e as barbas. Ao poeta Cheriolo, coevo de Thespis, é atribuído esse melhoramento, dizendo Quidas que foi Phrynichos o primeiro que representou em público com máscara de mulher. Diz também Diomedes que foi Rascius Gallus, que, por sinal, era vesgo, quem primeiro fez uso no teatro de Romão, de uma máscara para disfarçar o defeito.

E aqui têm os leitores um breve resumo da origem e tradições do Carnaval. Esse travesso monstro que em cada lustro nos proporciona cinco épocas de regabato e de loucura.

JOSÉ BARÃO

NA AMÉRICA

1.000 operários em greve

A maior parte dos operários têxteis das fábricas Mohawk Valley e Utica, desta cidade, abandonou o trabalho, em sinal de protesto contra a redução de 10 por cento nos salários. Calcula-se que são mais de 1.000 os operários em greve.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Núcleo da Juventude Sindicalista do Porto

Passa hoje o 5.º aniversário em que um feixe de jovens operários resolveu constituir o Núcleo da Juventude Sindicalista, a fim de desenvolver a sua cultura intelectual e revolucionária que o habilite a melhor colaborar nas lutas de transformação social — realizam-se no Porto, na sede daquele Núcleo, à rua de Entreparedes, 33, 1.ª, duas importantes sessões solenes e comemorativas daquela data, nas quais se farão representar todos os organismos sindicalistas e anarquistas locais.

O programa é o seguinte: Dia 22—Abertura, pelas 15 horas, da sessão pelo secretário geral do Núcleo, na qual usará da palavra diversos delegados operários. A seguir, uma palestra por um militante jovem sindicalista, versando sobre o tema: «A acção das juventudes sindicalistas». Durante a sessão serão também recitados, por diferentes camaradas, monólogos e poesias sociais.

Dia 23, pelas 21 horas—Uma conferência pelo camarada António da Costa Carvalho, sobre «A mocidade sindicalista no período revolucionário».

A primeira sessão será abrilhantada por um distinto quinteto musical, que executará um escolhido repertório.

NO NACIONAL

Há hoje dois esplendores bailes de máscaras, onde, além da linda e artística ornamentação da sala do palco, profusamente iluminada, serão executadas por uma magnífica banda de música estonteantes «maxixes» e «fox-trots» que as bailarinas aproveitarão dançando as ultra-modernas invenções norte-americanas.

ver economizando. Economizar na alimentação, no vestuário, em tudo, em fim que seja indispensável à vida.

Eis a economia que as «forças vivas» pretendem seja praticada pelos que possam, para que as «forças económicas» possam restabelecer a economia da nação, sem prejuízo das necessidades impostas pela sua «especial» situação social.

E os que não possuem uma «alta» posição social estarão dispostos a ficar eternamente por baixo, neste entredosse sistema económico?

QUANDO HOVER EDUCAÇÃO

desaparecerá a graça carnavalesca

A situação topográfica do casebre onde habito, em relação à redacção do nosso jornal, força-me a passar pela Universidade de Lisboa, quando para a redacção me dirijo. É porque assim é, todos os dias assisto ao espectáculo dado pelos estudantes, na rua da Escola Politécnica, aos que ainda acreditam na graça dos estudantes.

Meia dúzia de infantis «gazeteiros» da escola primária, aguardam confiadamente a que incontestável graça dos seus colegas dos cursos superiores se manifeste, no que são acompanhados por outra meia dúzia de criaturas a quem a oficina e o escritório não atraem.

Mas, deploravelmente, a graça dos supracitados estudantes nunca mais surge.

A esperancosa mocidade das academias não consegue inventar a graça que os seus confiantes admiradores lhe exige.

A um transeunte põem um carapau de papel, fazendo uma forçada chiadeira, a que os espectadores se associam pela necessidade de em que se vêem de achar graça a qualquer coisa para não gastarem inutilmente o seu tempo.

Nos «rails» dos eléctricos colocam pastilhas de torçido de potássio para produzir grandes estampidos, o que já ninguém acha graça.

Rei-me aos estudantes em primeiro lugar, porque são eles sempre os que têm mais graça.

E assim se vai desfazendo a lenda da graça que o carnaval tem. Porque essa graça foi sempre obtida à custa de actos violentos e estúpidos, que a ninguém entusiasma já. Porque é impossível achar graça a quem se irrita com os nervos, nesta época em que sobre toda a gente pesa a dificuldade de viver numa sociedade em que só existe uma grande maioria que sofre desesperadamente e uma pequena minoria que goza animadamente do produto do esforço dessa maioria.

Desperta o riso algum idiota que aparece vestido de cores bizarras, em fantasiosos trajes. Esse riso já não é, porém, o riso da alegria, da troca por aqueles que capricham em fazer figuras parvas. É sim, o sorriso de piedade pelos que, no meio da titânica luta que se vem travando entre os que tudo possuem e mais querem, e os que já nada possuem e ainda são roubados—ainda têm ânimo para esquecer «por uns dias» a constante opressão suportada pelos que não são «forças vivas».

Não se compreende, no momento em que a sanha opressora e exploradora ameaça tornar-se mais intensa e cruel para os oprimidos e explorados, que de algum destes parta uma gargalhada de carnavalesca alegria.

E, entretanto, para gáudio dos opressores e exploradores, não faltará oprimidos e explorados tolos bastante para esquecer os seus sofrimentos e fingir que se divertem nesta tradicional época carnavalesca.

E não faltará oprimidos e explorados que, na quarta-feira, lamentem as idiotices que nos dias anteriores cometeram, e que, no carnaval do próximo ano, voltem a cometer as mesmas idiotices.

E se assim neste país. E só não se será assim, no dia em que muitas dezenas de lutas orem tenham conseguido, à custa do sacrifício da sua saúde, da sua vida mesmo, que se tenha já espalhado largamente essa coisa, conhecida apenas de meia dúzia, que se chama—educação.

M.

«A Voz de Africa»

Reaparece no próximo mês de Março o antigo jornal *A Voz de Africa*, órgão dos africanos portugueses, tendo como seu redactor principal o nosso camarada Mário Domingues.

UMA BRINCADEIRA ESTUPIDA

Alguem quer fazer uma brincadeira carnavalesca, duma estupidez condenável, fazendo correr o boato de que os «cavaleiros da luz» que se entreteem agora a apunhar o cidadão—eram uns estudantes que editam e escrevem um jornal literário intitulado «O Fogo».

Houve quem acreditasse e o boato tomou tal consistência que até algumas tabacarias que vendiam a pequena gazeta, supondo que ela era realmente órgão dos tais «cavaleiros» a devolveram à administração.

Estes estudantes entenderam-se com o Núcleo de Juventude Sindicalista da Meia Laranja, visado pelos «cavaleiros». Ficaram muito bem impressionados com os componentes do Núcleo, que sobre os estudantes nem sequer alimentavam suspeitas.

Isto se relata aqui em letra redonda, para que conste e para que não se atinjam rapazes dignos com suspeitas que de modo algum merecem.

A Juventude Comunista protesta contra os «cavaleiros da luz» e convida os seus filiados a prestar solidariedade a José da Silva.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Empregados no Comércio e Indústria.—Nesta instituição mutualista está-se procedendo ao alargamento das instalações do Internato Cirúrgico, devendo ainda no corrente mês ficar a funcionar mais uma nova dependência com duas camas destinadas aos alunos operados. A Direcção está também estudando a criação do serviço de análises clínicas, de maneira a facilitar preços módicos neste serviço.

No próximo mês deverão inaugurar-se as conferências mutualistas, sendo intuito da Direcção iniciar uma série de lições sobre higiene individual.

FACTOS DIVERSOS

Gula dos Correios e Telégrafos de Macau

Recebemos a 4.ª edição deste guia elaborado pelo sr. Barata da Cruz, director dos Correios e Telégrafos de Macau e nosso assinante. Agradecemos os exemplares enviados.

Concurso de cegados

Realiza-se no Grupo Sempre Unidos, rua do Vale de Santo António, 240, 1.ª, nos três dias de Carnaval, um concurso de cegados, estando já nomeado o júri, composto de 3 poetas populares, que conferirá 3 prémios nas importâncias de 1000, 700 e 500,00, às cegadas mais classificadas. Previnem-se os dirigentes das mesmas, que para se habilitarem aos referidos prémios, devem comparecer das 14 às 18, e das 20 horas em diante.

No salão da Construção Civil volta hoje a realizar-se um grandioso concurso de cegados, que terá, como de costume, sendo distribuídos 3 valiosos prémios às que mais se distinguirem.

Conferência Inter-Sindical do Algarve

Realiza-se em Faro, no próximo mês de Abril, esta importante reunião magna

FARO, 20.—Na sede da U. S. O. desta cidade efectuou-se a reunião preparatória da Conferência Inter-sindical do Algarve, com a seguinte representação: C. G. T. U. S. O. de Faro, U. S. O. de Portimão, U. S. O. de Olhão, Sindicato Unico da Indústria de Conservas de Lagos, Associação dos Soldadores de Vila Real de Santo António, Associação Corticeira de Silves, S. Unico da Construção Civil de São Braz, S. U. da Construção Civil de Faro, Associação dos Operários Manufatureiros de Calçado de Faro, Associação dos Operários Manufatureiros de Calçado de Lagos, Associação dos Operários Corticeiros de Faro, Associação dos Operários Manufatureiros de Calçado de Tavira.

Presidiu Francisco do Nascimento, delegado da União dos S. O. de Faro, declara iniciados os trabalhos expondo os fins da reunião.

Fazendo uso da palavra, Raul Duarte, da U. S. O. de Portimão congratula-se com esta reunião, já mais quando se verifica, a necessidade do robustecimento da Organização Sindical do Algarve, condenando a situação amorfa da Delegação Confederal.

Francisco do Nascimento justifica os motivos porque a Delegação Confederal se não tem desempenhado das funções que lhe foram confiadas.

Valentim José Furtado da Construção Civil de Lagos, entende que em face da delegação Confederal não existir, a U. S. O. de Faro sendo o organismo de mais vida, deve nomear uma comissão para levar por diante os trabalhos.

Joaquim Braz, da U. S. O. de Faro, diz não ter a União aquela vida que devia ter, e, por isso, é de opinião que a comissão deve de ser das Uniãos de Faro e Olhão.

Manuel Madeira, da Construção Civil de Faro é da mesma opinião de Joaquim Braz. Raul Duarte entende que, a conferência deve ser iniciada pelas camaradas de Faro.

Manuel Madeira, da Construção Civil de Faro, entende mais que deveria ser nomeadas comissões de concelho e uma comissão distrital, isto para que essas comissões de concelho elaborem teses a fim de facilitar trabalhos à comissão distrital.

João Madeira da Construção Civil de São Braz, lembra a conveniência de se nomear a comissão promotora da Conferência em Faro.

Raul Duarte diz mais uma vez que a comissão deve sair da União de Faro; no entanto todas as outras Uniãos e Sindicatos onde não exista União, devem elaborar um parecer, e que o mesmo seja enviado à comissão.

Cesar da Silva, da União dos S. O. de Olhão, e Valentim José Furtado falam na mesma ordem de ideias.

Bernardo da Luz Morgado, do Sindicato Marítimo de Faro, diz que tendo-se efectuado há pouco o seu congresso corporativo se encontra habilitado a fornecer à comissão os elementos necessários.

Foi por fim aprovado que a Conferência Inter-Sindical se realize em Faro no 1.º domingo do mês de Abril, devendo a comissão ser nomeada pela União dos Sindicatos Operários de Faro. Esta proposta foi apresentada pelo delegado da U. S. O. de Portimão.

Artur Aleixo de Oliveira, delegado da C. G. T., saudou os organismos representados e regozija-se que seja levada à prática a realização da Conferência Inter-Sindical do Algarve. Fala das delegações confederais de propaganda, dizendo que por motivos de ordem pecuniária a delegação confederal do Sul não pode cumprir o seu dever. No entanto, assim que chegue a Lisboa fará sentir à C. G. T. a necessidade de nomear novos membros para fazerem parte da delegação e enviar-lhe fundos de forma a que a mesma possa cumprir a sua missão.

Raul Duarte faz sentir a todos os delegados que se esforcem de forma a dar vitalidade à Conferência.

Esta reunião constituiu um passo decisivo para a realização da Conferência.—C.

Agremiações várias

Associação do Registo Civil.—Reúne a assembleia geral no dia 2 de março, para apresentação do relatório da direcção e do parecer do conselho fiscal e para eleição dos novos corpos gerentes.

A direcção aprovou uma proposta dum sócio para que se realizassem na sede social, bi-semanalmente, recitas para os sócios, suas famílias e convidados.

Juventude Comunista.—Reúne amanhã, pelas 21 horas, extraordinariamente, a comissão reconstituída.

OS QUE MORREM

FALECIMENTOS

Faleceu ontem na sua casa, em Palma de Cima, travessa do Agono, 1, às Fonseca, o mutilado de guerra sr. Albino de Almeida, 1.º grumete, n.º 2154, inválido de guerra.

Pede-se a compreensão de todos os mutilados e inválidos de guerra que queiram acompanhar o seu camarada, na Praça dos Restauradores, hoje, pelas 11 horas.

O enterro saí da residência do falecido, pelas 13 horas, para o cemitério do Lumiar.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Reclames

No Nacional, não ficará hoje um lugar devoluto, algum de se representar uma das mais engraçadas peças, «Hora de Amor» realizam-se dois esplendores bailes de máscaras.

Já ontem decorreu animadíssimo o espectáculo no Eden, onde esta noite não deixará de recrudescer o entusiasmo e a alegria, visto os aspectos do espectáculo. Consta de de despedida irroavável, da revista «O galego do Zumbi», amplificada com o número comico «O galego do Zumbi» e os fados com coplas carnavalescas, por Adelfa Fernandes. Amanhã e terça-feira, vai a scena também, em despedida «O Bolo Rei». Hoje, ainda no Eden Teatros e o grande «Baile de Máscaras» em que tomam parte todas as bailarinas e coristas.

Foi grande a concorrência ao espectáculo a baile que ontem se realizaram no Coliseu dos Recreios e que estiveram animadíssimos. Todos os artistas executaram os seus trabalhos com uma extraordinária correcção sendo aplaudidíssimos, fazendo um grande sucesso a deliciosa e engraçadíssima pantomima «O toureiro e o sapateiro» que tem pilhas de graça, bem como os magníficos intermédios cómicos apresentados pelos célebres «clowns» Rico & Alex e irmãos Albanos, cheios de espírito e de originalidade.

Hoje realiza-se a primeira matinee seguida de um interessantíssimo baile infantil em que tem entrada todas as crianças até aos 10 anos, e a noite um soberbo espectáculo seguido do segundo baile de máscaras, onde tem entrada gratuita as senhoras que se apresentarem mascaradas.

Estiveram animadíssimos os divertimentos que ontem se realizaram no salão e no palco do Teatro Apolo uma hora antes e duas horas depois do espectáculo que ali se deu com a maravilhosa revista «Mola Real» que é, incontestavelmente, a peça da moda. Hoje repete-se a famosa revista tendo os espectadores das frisas e das camarotes direito a assistir aos dois espectáculos.

Sociedades de recreio

Academia F. Verdi.—Hoje, amanhã e depois, recita.

NO APOLO

A hilaritante revista, «Mola Real» sob a szana nas noites de Carnaval, e lá teremos, José David que fará rir as pedras, com as divertidas e oportunas piadas com que a comenta.

DESPORTOS

Campeonato de Futebol em Santarém

Para disputa da taça «Associação» tem continuado o campeonato. Na quinta-feira jogaram o Sporting Ribense e «Os Empregados no Comércio», que empataram por 2-2.

VIDA ANARQUISTA

Grupo Terra Livre.—Reúne hoje, pelas 16 horas.

Teatro Nacional
Hoje domingo
A deliciada peça
HORA DE AMOR
AMANHÃ o celebrado
DICKY
TERÇA FEIRA os alegres
INGLESES...
Hoje, amanhã e depois
Fulgurantes
bailes
de máscaras
no Salão Nobre e na Sala de Espectáculos todas as noites
Segunda e Terça-feira
às 13,30 horas
2 deliciosos bailes
INFANTIS
Lêde o Suplemento de «A Batalha»

«A Batalha» na provincia e arredores

Reguengos de Monsaraz

O custo da vida

REGUENGOS DE MONSARAZ, 14.—Os honrados comerciantes desta localidade, em virtude da baixa cambial, aumentaram de um dia para o outro, o preço da farinha, de 18\$00 o alqueire, para 19\$00 e 19\$50.—(E.)

Sintra

Um esolacimento

Procuraram-nos Joaquim Marques e Carlos Pais Soares dizendo-nos não ser exacto o que se diz na correspondência de Sintra, ontem publicada com data de 17.

Dizem-nos esses senhores que apenas se passa o seguinte: Joaquim Marques, Carlos Pais Soares e João Couto tomaram a seu cargo o transporte de farinhas de Lisboa para Sintra num camion seu, cobrando \$10 por quilo, isto é, menos \$05 que o caminho de ferro ou as carroças.

João Marques encarregou-se, antes da falta de farinha, da venda à consignação de dois vagões de farinha pelo preço da tabela acrescido do transporte.

Cândido Couto e João Lopes (professor) nada têm com negócios ou transportes de farinhas.

POLICLINICA DE S. TIAGO

ABRE EM MARÇO

RENDIMENTOS DOS OPERARIOS

Nas novas oficinas dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste foi ontem vítima dum desastre no trabalho Manuel de Matos, casado, de 28 anos e residente na Aldeia de Paio Pires, quando juntamente com alguns companheiros procedia à arrumação dumas carruagens que ultimamente vieram da Alemanha.

O desastre deve-se à forma atrevida como os serviços são ali dirigidos, empregando na sua direcção individuos incompetentes, mas sobejamente subservientes diante dos superiores.

A não serem tomadas medidas de segurança do operariado muitos mais desastres teremos a lamentar, atendendo a que este facto se deve à má orientação do encarregado que dirigia este serviço.

TEATRO APOLO
Hoje e amanhã
em duas sessões a mais fulgurante
de todas as revistas
MOLA REAL
CARNIVAL
Grandes diversões no salão e no palco,
abrindo as portas do teatro uma hora antes
e fechando duas horas depois da última
sessão.
PREÇOS: Frizas, 70\$00; Camarotes
de 1.ª, 80\$00; de 2.ª, 50\$00 e de 3.ª
35\$00; Fauteuils de orquestra, 13\$00;
Fauteuils simples, 9\$40; Cadeiras,
7\$00 e Geral, 4\$00.
Os espectadores das frizas e camarotes
têm direito aos dois espectáculos.

DENTES ARTIFICIAIS
a \$2500. Extracções sem dor, a 10\$00. Consulta
especial das 10 à 1. Concertam-se dentaduras em 4 ho-
ras. Das 3 às 7 consultas com hora marcada.
MÁRIO MACHADO
CHIADO, 74, 1.º Telef. C. 4186

Rodas «Ocas»
A melhor para isqueiro. Chegou nova remessa. Vi-
gitar pedidos a FRANCISCO P. LATA. Tabacaria ou
Quiosque do Largo do Conde Barão, 55.
Pedras: duzias \$50!...

Eden Teatro
(Telefone Norte 3800)
HOJE, às 9,30 DA NOITE
Companhia OTELO DE CARVALHO
As grandiosas festas do Carnaval
Ultima representação irroavável da sensacional,
deslumbrante e graciosa revista
FRUTO PROIBIDO
ampliada com o popularíssimo número comico
O CASAMENTO DO ZUMBA
desempenhado por Julia de Assunção, Antonio
Gomes (da Prindade), Santos Carvalho,
Jose Silva e Alfredo Silva
Todos a galitar, com quadras carnavalescas,
por Adelfa Fernandes
ATRAÇÕES NOVIDADES SURPREZAS

COLISEU DOS RECREIOS
HOJE—às 20.45 (8 314)—HOJE
Sensacional espectáculo carnavalesco
O maior sucesso de todas as épocas do Carnaval
Espectáculo de circo, comico e proprio da época, executado na pista por todos os artistas da Companhia
Às 14,30 (2 e meia)—PRIMEIRA GRANDIOSA «MATINÉE» seguida de um interessante e surpreendente
BAILE INFANTIL
Espectáculo de circo, proprio do Carnaval, na pista—Rico & Alex—Irmãos Albanos—Engraçadíssimos e originaes intermédios cómicos
A grandiosa e hilaritante pantomima comica
O TOUREIRO E O SAPATEIRO
BAILE INFANTIL NA PISTA
Prémios a todas as crianças mascaradas—Entrada

MARCO POSTAL
Tábor, Agente—Recebe liquidação.
Grande, João Lourenço Chumbinho—Recebe
2.500. Assinatura ficou paga até 3 de Abril.
Sunchal—J. Freitas—O curso elementar de Espe-
ranta está esgotado. Fica à vossa ordem a impor-
tância enviada.
Silves, As. dos Corticeiros—A Mentira religiosa
está esgotada. Fica à vossa ordem a importância re-
cebida.

Agenda de A BATALHA
CALENDARIO DE FEVEREIRO

Q.	4	11	18	25	HOJE O SOL
S.	5	12	19	26	Aparece às 7,33
Q.	6	13	20	27	Desaparece às 17,42
S.	7	14	21	28	FASES DA LUA
D.	1	8	15	22	Q. C. dia 8 às 0,10
S.	2	9	16	23	Q. M. dia 23 às 7,03
T.	3	10	17	24	L. N. dia 28 às 3,46

MARES DE HOJE
Praaiar às 2,20 e às 2,44
Baixamar às 7,50 e às 8,14

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Londres, 10 dias de vista	108,50	109,50
Paris	121,08	122,08
Suça	121,08	122,08
Belgica	121,08	122,08
Holanda	121,08	122,08
Madrid	121,08	122,08
New-York	121,08	122,08
Brasil	121,08	122,08
Noruega	121,08	122,08
Suecia	121,08	122,08
Dinamarca	121,08	122,08
Praga	121,08	122,08
Buenos Aires	121,08	122,08
Viena (1000 coras)	121,08	122,08
Viena (100 coras)	121,08	122,08
Agio do ouro 1/2	121,08	122,08
Libras ouro	121,08	122,08

ESPECTACULOS
TEATROS
S. E. h. 20.30—A dança das Libelulas.
A. 24—Baile de máscaras.
Teat. N. 20.30—A Hora do Amor.
A. 24—Baile de máscaras.
Teat. N. 20.30—Ouro e o Vem cá não
venhas melões.
A. 24—Baile de máscaras.
Teat. N. 20.30—A dança das Libelulas.
Teat. N. 21.15—Mela Real.
Teat. N. 21.15—Paris Monte-Carlo.
Teat. N. 21.15—Juvenia—A. 21.30—Juvenia.
Teat. N. 21.30—Fruto Proibido.
A. 24—Baile de máscaras.
Teat. N. 20.30—A. 20.30 e 22.30—O 31 e R. V. S.
Teat. N. 20.30—A. 21—Companhia de circo.
A. 24—Matinee.
A. 24—Baile de máscaras.
Teat. N. 20.30—A. 20.30—Variedades.
Teat. N. 21.15—A. 21—Animatograf.
Teat. N. 21.15—Todas as noites—Concertos e di-
versos.
CINEMAS
Olimpia—Chico Tarras—Salto Central—Cinema
Cine—Salto Ideal—Salto Lisboa—Sociedade Pro-
moteora de Educação Popular—Cine Paris—Cine Es-
perança—Chantier—Tivoli—Tortoise.

PEDRAS PARA ISQUEIROS
Melhor Ater, assim como todas as
máquinas, tubos, molas, chaminés de 2 e
3 peças, tampões. Vende-se no Largo
Conde Barão, n.º 49, 3.º e 4.º andares.
Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata
e a casa que fornece em melhores con-
dições.

LIVRARIA RENASCENÇA
Obras literárias, científicas, profissionais
e artísticas de autores portugueses e estran-
geiros.
Trabalhos tipográficos, cartões e livros
de escatologia, mapas de escatologia, ma-
pas de descarga de cotas e de matrículas
para Sindicatos, Cooperativas, Comunas,
Juventudes, etc.
Grande sortimento em material escolar,
artigos de papelaria e escritório, sempre
aos preços mais baixos do mercado.
gratuita obra de Vitor Hugo, «OS
MISERAVEIS», ilustrada por assistentes,
tomo e encadernada com capas especiais
em 2 grandes volumes a 4000, acrescentan-
do 50 mil de porte o emblema para a pro-
priedade.
Sempre novos artigos e novidades desla-
rarias.

Joaquim Cardoso
Rua dos Poais de São Bento,
27 e 29
LISBOA

MOLESTIAS DE PELE
De feridas, impigens, herpes e outras doenças de pele,
CURAM-SE facilmente com a unguenta e acrobada
Pomada de salicilato de chumbo composta
de Ribeiro Veiga, farmacêutico
Depósito geral: Farmácia Figueiredo
42, rua dos Retrozeiros, 42

CONSELHO TÉCNICO
DA
CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de
todos os trabalhos que digam res-
peito à sua indústria, tais como:
edificações, reparações, limpes-
as, construção de fornos em to-
dos os gêneros, jazigos em todos
os gêneros, fogões de sala, xa-
drés, frentes para estabelecimen-
tos e todos os trabalhos em cantarias
e mármore de todas as prove-
niências.

Telefone, C. 5339
Escritório:
Calçada do Combro, 38-A. 2.º

Madeiras

Taboado 12 palmos.
Solho à Portuguesa.
Fôrro em tócco e aparelhado.
Preços sem competência.

Vasco Mourão
Rua Nova do Carmo, 35, 2.º

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelários
Grande sortimento em chapéus, lãs e me-
chas em cores lindíssimas, formosos
dos mais famosos fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE
Especialidade em
chapéus de
acda e
FLAMÃO
Chapéu mole, novo modelo americano muito
elegante, só na
Cooperativa
Armazém e escritório: Rua Fer-
nandes da Fonseca, 25, 1.º
— ESTABELECIMENTOS —
Sede: — 31, Rua Fernandes da Fon-
seca, 33
1.ª Sucursal: — Rua dos Poais de
S. Bento, 74, 4-A
2.ª Sucursal: — Rua do Corpo San-
to, 29
3.ª Sucursal: — Rua do Arco Mar-
quês de Alegrete, 56 52
FABRICA DE BONETS — Chapéu modelo
Jaures (Exclusivo)

Companhia Nacional de Navegação
Vapor «Angola»
Saída no dia 1.º de Março para Madeira, São Tomé,
Loanda, Lobito, Mossamedes, Cabo (Cape Town),
Inhambane, Chinde, Quelimane, Pebane, Angoche,
Pôrto Amelia e mais com transbordo.
Para carga, passageiros e mais esclarecimentos, tra-
tar-se em LISBOA, na Sede da Companhia, Rua do
Comércio, 85, No PORTO, na sua Sucursal, R. Nova
Alfandega, 34.

REUMATISMO
Sifilítico, Blenorragico, Gotoso,
Articular, Artrítico, Muscular
«Reumatina»
24 horas depois não tem mais dores
E' inofensiva porque não exige dieta
Preço 8\$00 - - - - -
«Reumatina»
Vende-se em todas as boas
— farmácias e drogarias —
Pó Anti-blenorrágico
E' o mais poderoso combatente das ble-
norragias crônicas e recentes. Resultados
imediatos e comprovados pelo distinto mé-
dico operador dr. sr. Cristiano de Moraes.
Caixa 10\$00
Depósito Geral:
A. Costa Coelho
Bomjardim, 440—PORTO

Valério, Lopes & Ferreira, L.ª
FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metalis, cutelarias, talheres,
louça esmaltada, parafusos, fun-
dos para caldeiras,
guarnições para móveis —
Chapa ferro preta e zincada
Chapa de zinco, latão e cobre, antimônio, balanças, pesos e medidas,
cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

24, R. DO AMPARO, 86—LISBOA—TELE 3930, N. gramas, FERRAGENS

Policlinica da Rua do Ouro
Entrada: Rua do Carmo, 98
Para as classes pobres
Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando
Narciso—A. 4 horas.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—
4 horas.
Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães
— 4 horas.
Pele e sítilis—Dr. Correia Figueiredo—11 e
às 5 horas.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R.
Loff—1 hora e meia.
Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—
2 horas.
Doenças das crianças—Dr. Cordeiro Fer-
reira—2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oli-
veira—12 horas.
Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo—
3 horas.
Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma
— 3 horas.
Boca e dentes—Dr. Armando Lima—4 horas.
Cancro e Adão—Dr. Cabral de Melo—1
hora.
Raio X—Dr. José de Pádua—4 horas.
Análises—Dr. Gabriela Bento—4 horas.

LIMAS
As melhores são
as da «União»
Tomé Felizes,
Vieira de Leiria—
Pedir em todas as
lojas de ferragens.
Em preços e tem-
po para realizar com
as melhores mar-
cas inglesas.
Pedidos aos nossos Representantes Deposi-
tarios em Lisboa srs. Ferreira & C.ª, Lda—Cal-
çada do Marquês de Abrantes, 138—Telef. C. 1502

Telha de Marselha
Tijolo furado
Vasco Mourão
Rua Nova do Carmo, 35, 2.º

BAIXA DE PREÇOS
CAMARADAS !!
NO N.º 60
da rua do Marquês de Alegrete, vende-
se toda a existência de calçada a pre-
ços convidativos, por motivo de obras
CAMARADAS! VÃO VÊR

IMPORT FNT
SEGUROS MARÍTIMOS
«A MUNDIAL» participa a todos os seus clientes que celebror con-
tractos com os mais importantes resseguradores, ficando assim habili-
tada a cobrir os riscos marítimos em condições das mais vantajosas e
dentro da máxima garantia.
Vantagens especiais em apólices flutuantes.
Dirigir-se a
A MUNDIAL
COMPANHIA DE SEGUROS
Capital inteiramente realizado, Esc. 500.000\$000 — Reservas, Esc. 749.031\$60,9
Sede em Lisboa: Delegação no Pôrto:
Rua Garrett, 95 — Tel. 3894 Rua Sá da Bandeira, 331, 1.º

Anilinas Jacobus
A melhor maneira de resistir à
alta de preços dos artigos de ves-
tuario, é tingir os fatos e os vesti-
dos com as célebres anilinas JA-
COBUS, únicas que se podem
aplicar com justificada confiança.
Todos as preferem por serem as
melhores do mundo. Com uma
despeza insignificante fica-se com
um traje novo, sem ser necessário
pagar ao tintureiro preços exorbi-
tantes.
A venda em todas as boas dro-
garias do continente e ilhas.
DEPOSITO GERAL só por at-
cado: Sociedade Produtos Quí-
micos, Limitada, Campo das Cebolas,
43, 1.º—Lisboa.

FOTOGRAVURA
TRICROMIA
ZINCOGRAFIA
DESENHO
GRANDE PREMIO
RIO DE JANEIRO 1908
GRANDE PREMIO E
MEDALHA DE OURO
LISBOA 1913
PREMIO DE HONRA
LEIPZIG 1914

OFICINA FOTOMECANICA
Largo do Conde Barão 49
LISBOA
TELEFONE
2554
C

ESPELHOS BELGAS
Grande redução
de preços devido
à melhoria cambial.
Du. Almirante Reis, 24-A—Tel. N. 4060

Policlinica da Rua do Jardim
do Tabaco, 90

A GRANDE BAIXA
DE CALÇADO
SÓ COM O LUCRO DE 10 %
NA
SAPATARIA SOCIAL OPERARIA
Sapatos para senhora 3000
Sapatos em verniz 3800
Botas pretas (grande saia) 4800
Botas brancas (grande saia) 4800
Grande saia de botas pretas 3800
Botas de couro para homem 4800
Não confundir a SOCIAL OPERARIA com
outra casa.
Ver bem, pois só lá encontra bom e barato.
A Social Operaria está na rua dos Cavalheiros,
15-A, com Filial na mesma rua, n.º 68.

PURGAÇÕES
Cura rápida e radical com a GONOSINA
Unico específico que não causa apertos de uretra
FARMACIA OLIVEIRA — 238, Rua da Prata, 240

Milhares de curas
SE DEVEM AO
HERPETOL
Unico remédio eficaz para as doenças de PELE
Esta criança foi torturada por uma forte coceira.
Depois de ter usado várias pomadas e outros ingre-
dientes que aos pais aconselhavam, resolveram con-
sultar o médico, o qual recebeu um frasco de HER-
PETOL.
A pele, que tinha a aparência escamosa muito irri-
tada, forçando a criança a um permanente coçar, logo
as primeiras aplicações do HERPETOL sentiu-se se-
qu岸mente aliviada, e antes de terminado um frasco
todas as manifestações haviam desaparecido.
E' recomendado em todos os casos de eczema,
humido e seco, manchas, erupções, espilhas e morde-
duras de insetos.
A venda em todas as farmácias e R. da Prata, 237,
Lisboa, e na R. das Flores, 153, Porto.

FABRICA
de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento
GOARMON & C.ª
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19
— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

TUDO AOS MONTES
VENDE-SE
ESTAMPILHA
IBICO
AFIXAR ANUNCIOS
RUA NESTA PROPRIEDADE
LOPES VIEIRA
FARMACIA
FILHO
ADVOCADOS
MERCEARIA
TESOURARIA
OFICINAS
COSTA CIVIL
MODAS
LETRAS
ESMALTADAS

(A todos interessa)
Pôrto, Coimbra, Braga, Algarve, Alentejo,
Ilhas, Brasil, India, Loanda,
Moçambique, Congo, Guiné, etc.
Não tem agentes a casa

FREIRE, NEM QUERE, VENDER DI-
RECTAMENTE nos freques pelos preços 40
MAIS BARATO que o que os agentes levam
a fazer. FAÇAM seus pedidos directos para re-
ceber bem servidos e rápidos a GRANDE FAIR,
CA onde se fazem essas lindas CHAPAS e que
duram para sempre e tintas esmaltadas para ruas,
estabelecimentos, etc., emblemas lindos e bar-
atos para Sports, clubes, medalhas para corridas
(artigos de Barba), Gilettes mais baratas. Esto-
jas de metal branco com máquina e lâminas Gi-
llette, 35000. Navilhas, máquinas para cortar ca-
beço, máquinas de 4 rolos para as tintas. Tesou-
ras finas superiores a 1200 que outros vendem a
2000 e canetas de tinta permanente com pena de
ouro a 1400, que os outros vendem pelo dobro,
canivetes, CARIMBOS, numeradores a tinta, e
repetirem o número até 12 vezes, ditos para che-
ques a plicar o número e com data, selos em
branco para as Juntas Paroquiais, câmaras e re-
partições, sinetes para lares e roupa, etc., ali-
cates de sealar, marcas a fogo, etiquetas de metal
para sardinhas, fichas de metal para jogos, ca-
lendas, etc., e todas as coisas de ferro, em
aço e ouro com braçozes e monogramas, cunhos
importados de Portugal, chapas e letras para marcar
caixotes e preços, lâmpadas e instalações eléc-
tricas, aquecedores e pedras, etc., etc. UNICA na
Europa completa. — A. L. Freire, 138 a 161, R. do
Ouro. — Telef. 2659 C. — Peçam a cobrança para
tudo lhe se remeter.

— Este tabelião, prosseguiu o cidadão de Nantes, vem obrigar-me a assinar o acto pelo qual eu consinto em pagar resgate?
O baillio fez um novo aceno de cabeça afirmativo. Bezenecq, dirigindo-se então a sua filha e afectando tranquilidade, disse-lhe com alegria:
— Nada receies, querida menina, eu e estes dignos homens vamos no mesmo momento pôr-nos de acôrdo, depois do que, estou certo disso, nada teremos a recear deles, e dar-nos-hão a liberdade; ora pois, senhor tabelião, consinto em fazer por meio dum acto autêntico, em favor do senhor de Plouernel, cessão de todos os meus bens, que consistem: 1.º em cinco mil e trezentas peças de prata, depositadas em casa de meu compadre Thibaldo, o pagador e moedeiro do bispo de Nantes; 2.º em oitocentas e sessenta peças de ouro e nove barras de prata, depositadas em minha casa num sitio secreto, do qual darei conhecimento a pessoa que o senhor conde nomear para ir a Nantes; 3.º em uma grande quantidade de baixela de prata, estofos preciosos e móveis, o que será muito fácil de conduzir em carro até aqui, mediante ordem que vou passar dirigida ao meu criado particular; finalmente, resta a minha casa, mas como seria pouco praticável, meus dignos senhores, transportá-la para aqui, vou escrever e entregar-lhes uma carta para meu compadre Thibaldo; dois dias antes da minha partida de Nantes, tinha-me proposto elle comprar a minha casa pelo preço de duzentas peças de ouro; estou certo de que sustentará a sua oferta, sobretudo quando souber por uma palavra minha a difícil posição em que me acho; são pois duzentas peças de ouro mais que, como penso, Thibaldo deverá entregar ao enviado do senhor de Plouernel; feitas estas doações, resta-nos a mim e a minha filha o fato que temos no corpo. Agora, digno tabelião, escreva a doação, assiná-la-hei, e juntarei as cartas para o meu servo e para o meu compadre o Pagador; este conhece a fundo as cousas de agora, para que não se apresse logo em aceder aos meus desejos com respeito ao depósito que tem em seu poder,

e a compra da casa; entregará a quantia ao mensageiro que o senhor conde enviar a Nantes; quanto ao que se acha em minha casa num esconderijo, será fácil, por meio desta chave e dos esclarecimentos que vou ditar ao tabelião...
— E' preciso em primeiro lugar que o tabelião escreva a doação e tu as cartas a teu compadre, disse Garin interrompendo Bezenecq o Rico; os esclarecimentos sobre o esconderijo seguir-se-hão depois...
— Tem razão, com vezes razão, digno baillio, replicou vivamente o cidadão de Nantes, completamente socegado pela acção de Garin, e não podendo conter a sua alegria, pois se julgava salvo; por isso, inclinando-se para sua filha, sentada à borda da cama de palha e abraçando-a com lágrimas de felicidade, disse-lhe em voz baixa:
— Então fazia eu mal, querida medrosa, em certificar-te que, mediante um completo e leal abandono de todos os meus bens, estes queridos senhores não nos fariam mal e nos poriam em liberdade?
Depois, abraçando de novo Isolina, cujo terror começava a dar lugar à esperança, e enxugando com as costas da mão as lágrimas que derramava a seu pezar, disse a Garin:
— Desculpe, baillio, o senhor compreenderia a minha commoção se soubesse dos loucos terrores desta menina... Mas que quer, na sua idade, tendo até agora vivido feliz junto de mim... ela inquieta-se sem motivo...
— Em primeiro lugar, cinco mil e trezentas peças de prata depositadas em casa do Pagador Thibaldo, disse o tabelião com a sua voz acre interrompendo Bezenecq, e sentando-se na reborda da grelha, escreveu em cima dos joelhos, a claridade de uma lanterna. Em segundo lugar, prosseguiu elle, quantas peças existem no tesouro secreto da casa de Nantes?
— Oitocentas e sessenta peças de ouro, apressou-se em responder Bezenecq como se quizesse desembaraçar-se bem depressa das suas riquezas; e mais nove barras de prata de diferentes grossuras.

E continuando a enumerar d'este modo os seus bens ao tabelião, que os descrevia à proporção, o mercador apertava com alegria as mãos de sua filha para lhe aumentar a confiança e a coragem.
— Agora, Bezenecq o Rico, disse Garin, precisamos das duas cartas para o teu homem de confiança e para o teu compadre Thibaldo o Pagador.
— Querido tabelião, respondeu o mercador, empreste-me uma pasta e dê-me duas folhas de pergaminho e uma pena, que eu vou escrever aqui mesmo em cima dos joelhos de minha filha.
E collocando-se, com effeito, aos pés de Isolina, no colo da qual assentou a pasta do tabelião, escreveu as cartas, dizendo de vez em quando:
— Não tremas a mesa...; tu darias a estes dignos homens má opinião da minha letra...
— Logo que terminou as cartas, o mercador entregou-as a Garin, o qual depois de as ter lido, acrescentou:
— Agora precisamos dos esclarecimentos sobre o teu tesouro secreto.
— Aqui estão duas chaves, disse o mercador tirando-as da algibeira, uma delas abre um espécie de pequeno jazigo que dá para o quarto que me serve de escritório...
— Para o quarto que lhe serve de escritório, repetiu o tabelião escrevendo à proporção as palavras do mercador.
Este prosseguiu:
— A outra chave abre um cofre guarnecido de ferro, collocado no fundo do jazigo; nesse cofre, achar-se-hão as barras de prata, e uma caixinha contendo oitenta peças de ouro. Eu não possuo um dinheiro mais, meus dignos senhores, minha filha e eu ficamos pobres como os mais pobres dos servos, porque não ocultei um único óbolo ao senhor de Plouernel!... Mas a coragem não nos faltará!
Enquanto o tabelião acabava de transcrever as palavras de Bezenecq, este, unicamente enlevado em sua filha, não notava, assim como ella, o que se passava

na distância dalguns passos na masmorra, debilmente alumiada pela claridade das lanternas, porque tinha anotecido cedo: um dos algozes começava a meter carvão e lenha debaixo da grelha.
— O senhor de Plouernel pode mandar a Nantes o seu mensageiro com uma escolta, disse Bezenecq a Garin; se esse mensageiro fôr depressa, voltará amanhã à noite; nós não seremos postos em liberdade, talvez, senão quando o senhor de Plouernel estiver de posse dos meus bens; unicamente, enquanto não sairmos d'este castello, seja bastante generoso, senhor baillio, para nos mandar conduzir a um sitio menos sinistral do que este... Minha filha está morta de fadiga; demais, é muito tímida, e por isso passaria uma triste noite nesta masmorra, no meio d'estes instrumentos de tortura...
— Já que falas d'estes instrumentos de suplicio, disse Garin com um singular sorriso, pegando na mão do cidadão, vem, Bezenecq o Rico, eu quero explicarte o uso que se costuma fazer deles...
— Digno baillio, eu sou pouco curioso destas coisas...
— Vem sempre, Bezenecq o Rico...
— Essa alcinha de rico, que persiste em dar-me, já me não pertence disse o mercador com um triste sorriso, chame-me antes Bezenecq o Pobre.
— Oh! oh! disse Garin com ar de dúbida abanando a cabeça; e acrescentou: Vem, Bezenecq o Rico.
— Meu pai! exclamou Isolina com inquietação vendo o cidadão separar-se dela, onde vai?
— Não receies coisa alguma, querida menina; fica aí, que eu vou dar ao baillio alguns esclarecimentos do caminho que deve tomar o mensageiro do senhor conde.

E recendo descontentar Garin, seguiu-o, satisfeito de que Isolina não podesse ouvir a lúgubre explicação que lhe ia dar o baillio. Este parou de frente da força de ferro, que terminava por uma goliha; um dos algozes tendo levantado a lanterna por ordem de Garin, este disse ao mercador:



Crise de trabalho e baixa de salários

Uma interessante exposição do Sindicato dos Cristaleiros da Marinha Grande

MARINHA GRANDE, 20. — O Sindicato dos Cristaleiros elaborou uma exposição sobre crise de trabalho, a qual foi entregue ao ministro do Trabalho.

E' dela o seguinte:
«Ante os efeitos terríveis desta crise em que quasi todas as indústrias se encontram mais ou menos envolvidas, a Associação dos Operários Manipuladores de Cristal para suaviar um pouco tanto tremendo efeito, pensou em dividir o trabalho, isto é, fazer com que aqueles que se encontram no ilhar há perto de quatro meses, não viessem a perecer neste embate tremendo, em que a parte exploradora pretende reduzir à miséria aquela parte que tudo produz e que nada usufrui.

Nesta conformidade, o referido organismo pensou em enviar para as fábricas Marquês de Pombal, Central, Luzitana e Nacional, competentemente divididas, os operários que pertenciam às fábricas (actualmente paralisadas) Industrial Portuguesa e Cristal Produções, Limitada. A Comissão de Melhoramentos desta Associação, interpretando o sentir e desejos da classe, tratou imediatamente de encetar as «demarches» necessárias, para que a fome que imperava nos lares cristaleiros fosse corrida de vez. Consoante isto, a dita comissão entrevistou o director da Fábrica Marquês de Pombal, sr. João de Magalhães Júnior, que cheio de amabilidade, respondeu que era ótima a sua ideia e que tal disposição só demonstrava que os operários que trabalhavam, encravavam numa maneira galharda o complexo problema da crise que assolava tanto lar. Os outros colegas, afinando pelo mesmo diapasão, foram concordos que fossem distribuídas pelas suas fábricas aqueles operários que se encontravam sem trabalho.

Constando à Associação dos Manipuladores de Cristal que as principais causas desta crise se encontram no facto assás lamentável da super-produção, e observando que as fábricas Marquês de Pombal, Central, Luzitana e Nacional, empregavam não só todos os operários sem trabalho, como também eram suficientes para produzir os artefactos de cristal que se consomem no país, propoz aos citados industriais e empregadores, que de futuro, esses operários ficassem fazendo parte do quadro do pessoal efectivo. Desta maneira, estava implicitamente resolvida a crise em todos os seus múltiplos aspectos, e encontrava-se este aglomerado operário cheio de entusiasmo pelo resultado dos seus trabalhos. Organizaram-se os quadros do pessoal para as fábricas citadas neste relatório.

Feita esta divisão foi pela Comissão de Melhoramentos entregue aos representantes das empresas, as folhas discriminativas do pessoal, que devia de futuro fazer parte do efectivo das suas fábricas. Havia porém a esperar uma resposta dos industriais porque dizia-se que tal resolução iria indubitavelmente prejudicar as empresas que tinham encerradas as suas fábricas. Já era mais ou menos uma manifestação clara de que a Associação Commercial e Industrial e simultaneamente todos os seus componentes, se compraziam em ver os cristaleiros debaterem-se com uma crise tremendíssima e não só isso como também procuravam a forma de trabalho e regularização da produção. E dizemos que era a Associação Commercial e Industrial, com as suas manigancias, porque neste intermezzo surge um officio subterfugio do sr. João de Magalhães Júnior, dizendo em blague que os seus operários tinham resolvido não dividir o trabalho, porque tal facto não resultava profícuo, nem para os que trabalhavam, nem para os que se encontravam em crise. Constatou-se porém que a afirmação do sr. João de Magalhães Júnior era pura mentira, porquanto os operários da sua fábrica declaravam em Assembleia Geral que se encontravam dispostos a acatarem as resoluções da classe.

Ante esta resposta as outras empresas, seguindo-lhe as pegadas, recusaram-se também a aceitar aqueles operários que havia pouco tempo queriam para trabalhar nas suas fábricas. Depreende-se disto que o sr. João de Magalhães Júnior é o testa de ferro da questão e o defensor impenitente dos maquiavelismos da Associação Commercial e Industrial. Para não traír as manigancias torpes do sr. Magalhães, os srs. Emilio Galo e João de Moraes, industriais novos, recusam-se também, e desta maneira a Associação dos Manipuladores de Cristal vê caídos por terra todos os resultados do seu humano e lógico trabalho.

E' forçoso porém que se diga que a desculpa que os industriais apresentavam primeiramente, e que era o não quererem prejudicar as empresas que se encontravam paralisadas, se encontra completamente desarmada, porquanto os dirigentes dessas empresas declararam que não mais pretendiam reabrir as suas fábricas.

Concretizando: — A crise que pela parte que diz respeito a esta associação, seria solucionada com a divisão do trabalho, ameaça eternizar-se devido às perdas determinadas da Associação Commercial e Industrial da Marinha Grande que interceptou por todas as formas e meios, a solução deste caso importantíssimo.

Encontram-se por esta razão, duzentos e cinquenta cristaleiros (manipuladores) lapidadores, rolhistas, pintores e mais não especificados) sem trabalho e sem esperanças de o ter devido à estreita solidariedade que os industriais componentes da dita Associação mantêm entre si» — C.

A crise na indústria vidreira não pode ficar sem solução

MARINHA GRANDE, 19. — Embora cheio de boa vontade, não conseguiu ministrar a situação cruenta, em que os vidreiros se debatem vai para cinco meses, porque em vez de tomar o assunto a peito, pedindo esclarecimentos aos próprios interessados, foi buscá-los aos causadores do mal estar presente.

E' desta maneira a crise continuou a agravar-se sem que o ex-ministro fizesse algo em prol daqueles que tanto sofrem. Disse o «Século» pela pena do seu correspondente nesta localidade, que a crise vidreira estava atenuada e que iam reabrir todas as fábricas paralisadas.

Execravel blague, que só serviu para um

manejo politiquês do autor da local e das criaturas que o inspiraram.

Porque é forçoso que se diga: — a crise vidreira tem servido sómente para que os políticos estendam seus perniciosos tentáculos, levando a petulância ao ponto de pretenderem alguns os próprios sindicatos operários!

O que é verdade, é que os vidreiros, em nada vêm suaviada a sua crítica situação, porque além de encontrarem fechadas as fábricas onde trabalhavam, ainda têm que sofrer mais as consequências da péssima situação, como a incúria do ex-ministro da agricultura que entendeu por bem não conceder verba para os trabalhos das matas nacionais.

O canastro da paciência está vazio, e com franqueza não, sabemos em que dará tam terrível situação.

Há perto de dois meses dizia o dr. sr. Ramada Curto numa entrevista do «Diário de Lisboa»: — «Sim, na Marinha Grande morre-se de fome».

Imaginem os leitores o que será agora passados que são 60 dias.

Agrava esta situação com o acto assás pífido de os industriais cristaleiros não permitirem que os poucos operários que trabalham, dividam pelos que se encontram sem ele, os operários em crise, prêmios de angustia e desespero que mal podem conter estão à mercê dos caprichos dos industriais que são solidários do sr. Pereira da Rosa e quejandos.

Nesta conformidade, e para conhecimento do juvenil ministro do Trabalho, diremos que urge seja atenuada a crise dos vidreiros concedendo verba para a Fábrica Nacional: porque a obtida com a venda das lenhas não chega para pagar os ordenados chorudos do guarda-livros e do dr. Costa Júnior! Não falamos — é bom ver — nos operários pertencentes à Nacional e que se encontram sem trabalho! Não, esses pertencem a ralé, e por tal não têm direito a remuneração alguma, visto que a Fábrica se encontra paralisada. Quem tem são os srs. guarda-livros e dr. Costa Júnior!

Segundo nos consta, o resultado das vendas foi de 70.000\$00, e se não é a acção de um operário diligente embarcavam no galeão, que faz carreira directa para o Val da Dorna!

O sr. ministro do Trabalho deve vir à Marinha Grande ver de perto a situação dos operários, para depois fazer uma política com resultados profícuos!

Se fizer como o sr. João de Deus Ramos, entrevistando os industriais, vai desta localidade convencido que os operários são uns mariolões que trazem em constante desassossego os infelizes industriais.

E' porque são bem horas de acabar com a série ininterrupta de escritos de apelo, e já é tempo suficiente para que as vítimas das oligarquias predominantes deixem de sofrer de vez o caso concedendo verba suficiente para que a Fábrica possa funcionar com dois fornos de cristal.

Basta de meios termos e promessas vãs. Os operários fazem trabalho e são bem horas se se lhes fizer o que pedem.

INTERESSES DE CLASSE

Pelo engrandecimento da classe dos manipuladores de pão

Na situação precária em que o operário se debate é indispensável que os manipuladores de pão cuidem da sua organização de classe para acompanharem as classes operárias na luta que se vem travando entre o capital e o trabalho. Para os trabalhadores se libertarem do jugo capitalista é forçoso demonstrarem que estão dispostos agora mais do que nunca a não deixarem perder as regalias que têm conquistado à custa de muitas vítimas e de bastante sangue.

Regosija-me um pouco da maneira alva como os manipuladores de pão têm conquistado algumas regalias, mas julgo ainda que é preciso mais energia e mais espírito revolucionário, pois muito há a conquistar moral e materialmente.

Os sindicatos profissionais tem na sociedade futura um papel brilhante a desempenhar, principalmente a dos manipuladores de pão, e já por isso se vê que não é só as melhorias de salários que os preocupam, visto que eles desejam educar-se para a sociedade de amanhã.

Em vários países já os manipuladores de pão se encontram trabalhando de dia, e em Portugal ainda não constatamos isso, não por falta de reclamação mas devido à má vontade dos governos e dos industriais. Essa regalia de grande interesse não só para os operários da indústria de panificação como para todo o povo consumidor, é combatida pela má vontade. Com elle esse precioso alimento seria mais bem fabricado, com mais higiene e até traria maior lucro para os próprios patrões. Mas para conquistar todas essas regalias é preciso que os manipuladores de pão se organizem convenientemente, constituindo sindicatos em todos os pontos onde existam manipuladores de pão, fazendo a sua federação e dando a sua adesão à C. G. T. para terem o verdadeiro conhecimento do valor da organização.

O sindicato de Lisboa já tem organizada uma comissão para tratar da confidência de militantes; portanto todos os sindicatos da província devem ajudá-la para que o trabalho seja proveitoso. Temos um exemplo bem claro, com os camaradas de Santarém que, após a organização do seu sindicato, conseguiram imediatamente o descanso semanal, o que não possuíam antes de se organizarem. — Domingos Lopes Bibi Gonçalves, manipulador de pão sindicalizado.

Queixas e reclamações

Contra a bola de trapo

Procurou-nos um morador da travessa da Portuguesa, para nos manifestar a sua indignação pelo facto dos grupos infantis de futebolistas lhe terem partido três vidros de candeeiro com as suas bolas de trapo.

Realmente não é desculpável a falta de cuidado dos garotos. Jogarem a bola se não têm mais nada que fazer, mas, ao menos, arriam menos vidros aos vizinhos.

CONTRA O MOVIMENTO DAS «FORÇAS VIVAS»

A União dos Interesses Económicos

é repelida por toda a parte pelo povo consumidor farto de ser roubado

O operariado de Guimarães afirma a sua repulsa contra a U. I. E.

GUIMARÃES, 18. — Conforme fôra anunciada e promovida pela União dos Sindicatos Operários desta cidade, realizou-se na passada segunda-feira, uma sessão magna das classes trabalhadoras desta localidade, estando muito concorrida e tendo assistido dois delegados da C. G. T. (delegação confederal do Norte).

Presidiu Luis Garcia Martins, que teve a secretária-lo Abílio Augusto Belchior e José Torcato Ribeiro. O presidente expôs à assistência quais os fins da sessão, espraia-se em considerações, e exortando os trabalhadores desta cidade a ingressarem nos seus sindicatos profissionais, pois que devem estar preparados para a defesa dos seus legítimos interesses. Ataca a União dos Interesses Económicos, chamando a atenção do povo para os perigos que tal quadrilha oferece, se o povo se não precaver a tempo e horas.

Francisco Rodrigues Pereira, da U. S. O. ataca as «forças vivas» aconselhando os trabalhadores a estarem vigilantes com as «forças vivas» que se preparam para roubar a crise de trabalho, terminando por aconselhar todos os trabalhadores a ingressarem nos seus sindicatos profissionais.

Saul de Sousa, da delegação confederal do Norte, salda todos os trabalhadores da cidade, em nome da C. G. T. Refere-se ao atraso em que se encontram os trabalhadores e diz que a crise é resultante da grande crise de carácter que se atravessa por isso a crise constitui uma nova especulação contra a qual os trabalhadores se devem prevenir, expraia-se em considerações sindicais revolucionárias, prendendo a numerosa assistência por muito tempo. O orador ataca os intuitos reaccionários dos magnates da alta finança, os nefastos conjurados da União dos Interesses Económicos que se esforçam por impôr ao país uma odiosa ditadura com a qual possam, em maior e mais revoltante escala, oprimir e roubar o povo produtor.

Proseguindo, observa a miséria extrema que o operariado atravessa; manifesta-se contra os corvos dos políticos que nada resolvem.

Ataca também o militarismo, e explica à assistência qual a diferença existente entre o revolucionário e o revoltado.

Terminando aconselha o operariado a estar alerta e a ir preparando a defesa.

Mário de Carvalho, da delegação confederal do Norte, salda o operariado de Guimarães, em nome do organismo que representa.

A ditadura reduzirá o operariado a fome

Espraia-se em considerações sobre a crise de trabalho e combate o capitalismo causador da crise que avassala todo o país. Ataca a União dos Interesses Económicos que pretende impôr uma ditadura de ferro, indigitando-se como chefes supremos Filomeno da Câmara, Cunha e António Maria da Silva, que se prestam a tirar ao povo as regalias conquistadas e reduzir os trabalhadores a mais extrema miséria. Aconselha os trabalhadores a organizarem-se nos seus sindicatos para combaterem com energia a pretensão das «forças vivas». Combate acrememente o jornal O Século, caluniador das classes operárias. A assistência manifesta-se contra o órgão das «forças vivas».

O orador apela para a União dos Sindicatos Operários de Guimarães para promover sessões de agitação em todos os sindicatos para quando chegar a hora de combate aos corvos da alta finança e seus lacaios.

O camarada Sul apresenta a seguinte moção, que é aprovada com vivas à C. G. T. e a Batalha:

«Considerando: que a trindade sinistra Comércio, Indústria e Finança, acolitada por seus lacaios políticos, pretende impôr ao Povo uma ditadura sangrenta e usurpadora;

que para conseguirem o seu tenebroso «desideratum» organizaram a célebre União dos Interesses Económicos, pretendendo agora assaltar as cadeiras do poder para com mais facilidade tripudiar sobre a nossa já insuperável miséria;

que por todo o país os bandoleiros das «forças vivas» estão exercendo uma activa e persistente propaganda, para no mais curto espaço de tempo conseguirem o exto dos seus infames objectivos;

que a contraparte à acção tirânica e nefasta dos exploradores do Povo se torna necessária e urgente a acção dos explorados, evitando assim que amanhã nos vejamos cercados das poucas regalias que a custa de inúmeros e sangrentos sacrifícios conquistamos;

que a Confederação Geral do Trabalho tem já organizado um plano de defesa contra a caverna da U. I. E., faltando agora o influxo dos organismos seus aderentes, para duma maneira eficaz destruir essa cáfila de corvos humanos;

que a face dos anteriores considerandos, ao povo que sofre compete empunhar as suas armas e ir à praça pública lutar contra os seus tiranos;

O Povo de Guimarães, reunido a convite da União dos Sindicatos Operários para apreciar e resolver sobre os sanguinolentos desígnios dos bandoleiros da União dos Interesses Económicos, resolve:

1.º — Declarar publicamente aos esbirros das «forças vivas» que o proletariado vimarense aceita a luta dos seus tiranos, tal qual o fez há pouco tempo, com a diferença apenas de agora ser mais enérgico.

2.º — Saudar a C. G. T. pela sua acção e oferecer à mesma a sua incondicional solidariedade.

3.º — Manter uma constante agitação no seio do povo, a fim de conservar bem viva a chama sagrada da rebeldia dos escravizados contra os seus tiranos.

4.º — Saudar o jornal A Batalha e repudiá-lo e devolver à procedência a calúnia publicada no asqueroso jornal O Século contra a C. G. T.

O camarada presidente, depois de fazer mais algumas considerações, encerra a sessão aos vivas à C. G. T. e a Batalha. — E.

Em Beja, o proletariado manifestou-se vibrantemente contra a União dos Interesses Económicos

BEJA, 21. — Não obstante a chuva que durante o dia caía impertinente e a má distribuição do convite que devido ao mau tempo não pôde chegar a todas as ruas da cidade, realizou-se na Delegação Ferroviária uma sessão de protesto contra o maneio que as forças reaccionárias pretendem levar à prática por intermédio da União dos Interesses Económicos.

Durante o dia aqueles que antecipadamente sabiam que à noite, se ia realizar uma sessão demonstrativa do que é o organismo U. I. E., e ao que ele se destina, duvidavam da sua realização, visto que, ao mesmo tempo que a noite, se aproximava um maior temporal.

Mas eis que por um momento deixa de chover, e todos quanto sabiam da sua realização dirigem-se para o local.

Abriu a sessão Luis de Carvalho, ferroviário, que convidou para o secretariado António Monteiro fabricante de calçado e Raúl Picado, construtor civil. O presidente principia por dizer que tendo os organismos operários, Delegação Ferroviária, Associações dos manipuladores de calçado, Construção Civil e Rurais acordado em se levar à prática um movimento, tanto maior quanto possível de protesto contra o regime ditatorial que em Portugal se pretende implantar, tendo por quareles general a U. I. E., pede a todos os oradores que se pronunciem de forma a discurrir unicamente o método de se impedir que a U. I. E. triunfe.

E' dada a palavra a J. J. Candieira, delegado da Federação Rural, que depois de saudar todos os produtores principia dizendo que vai tomar parte nesta sessão por representar um organismo que, como todos os organismos operários, são vítimas de todos os maneios reaccionários. Há 14 anos diz, que está implantada em Portugal a república, e sempre ouviu dizer aos republicanos, na propaganda que dirigiam ao povo, que era necessário dar-se combate à reacção. Passados esses anos novamente ouve «dizer, mas agora aos operários que é necessário dar-se combate à reacção, prova assim de que os republicanos não deram com bate à reacção mas sim aos lugares chorudos que os mesmos reaccionários ocupavam; prova mais de que os republicanos ludibriaram o povo, visto que tendo, hoje, na mão todos os instrumentos que são necessários à destruição da reacção procuram não lhe tocar o mais frágil desses instrumentos, ainda assim os «inimigos» se não zanguem ao ponto de fazerem sair uma «portaria» acalmando os ânimos. Termina aconselhando a todos que estejam alerta, e que ao mais pequeno movimento da U. I. E. respondam com um gesto nobre e altivo capaz de aniquilar para sempre todos os intentos desse mesmo organismo.

Jerónimo de Sousa, da C. G. T., diz que como representante da Central dos sindicatos vai tomar parte nesta sessão porque o organismo que representa, sendo o coordenador da acção que os seus aderentes desejam levar a efeito, não tem mais do que ir ao encontro desses desígnios tornando-os em realidade, o mais breve possível.

História o que foram os comerciantes no período da guerra, as traficâncias que usavam, traficâncias que em pouco tempo tornou milionários aqueles que eram remediados e ricos aqueles que viviam do empréstimo.

Na situação em que uma legião numerosíssima de produtores estava pegando em armas uma legião quasi igual de traficantes apareceu a negociar com os poucos artigos que havia, ao ponto de haverem artigos que antes de serem consumidos passavam por dez e mais desses sanguessugas que já tinham tirado o indispensável lucro; assim acontecia, afirma, que se um artigo devia custar ao consumidor um preço dez vezes menos, custava dez vezes mais. Estas criaturas, que só de humanas têm a forma, acostumaram a processos tão tenebrosos que a naturalidade das coisas encaminha para um outro sistema que a viva força o querem impedir, apossando-se do mando. Mas como comerciantes, industriais ou banqueiros, diz, nada conseguiriam inventar um novo nome U. I. E. Este organismo alberga todos quanto têm aumentado a ruína de Portugal.

O orador termina apelando para que todos os explorados, especialmente para os ferroviários que neste momento um importante papel têm a desempenhar, estejam de atalaia sobre qualquer movimento que eles venham a lançar na rua.

Manuel Martins, da associação dos rurais, diz que se trata neste momento de congregarmos todos os esforços daqueles que só sofrimentos têm disfrutado, tanto neste regime como no transacto. Apela para que nos unamos visto todos os reaccionários se terem unido para nos roubar as poucas liberdades que usufruimos.

José Távares, da I. S. V., depois de saudar a assistência diz que se os indivíduos que compõem a U. I. E. aparessem, como comerciantes, industriais e banqueiros, ao povo a pregar a salvação da pátria decerto ninguém os acreditaria, porque toda a gente sabe que são eles os únicos causadores da má situação económica e até mesmo política em que se encontra o país assim appareceram rotulados de U. I. E. para que muita gente caísse na armadilha. O orador diz que não conseguirá o seu fim, ainda que à frente do organismo coloquem indivíduos que não pertençam à triologia, porque os métodos apresentados por estes, serão impostos pelos componentes desse organismo, e decerto que bem depressa se desvendarão. Termina dizendo que aqueles que dispõem de todas as riquezas não satisfetos com isso, querem dispor do poder; e então devemos nos acutelar para que tal não suceda, pois que se nós sabemos o que eles são como comerciantes já devemos calcular o que eles serão como governantes.

Terminada a inscrição de oradores o presidente manda proceder à leitura da seguinte moção.

«Considerando que o momento presente é de unidade sindical na luta contra a burguesia animada dos velhos processos reaccionários que tende ao esmagamento das regalias conquistadas e a conquistar;

VIDA SINDICAL

COMUNICAÇÕES

Sindicato dos profissionais da Imprensa. — A direcção coupou-se largamente da obtenção de nova sede para o sindicato, ficando resolvido colher pareceres de técnicos acerca dum edificio que pode ser utilizado para esse fim e sobre o qual já se iniciaram conversações. Esses pareceres devem habilitar a direcção a fundamentar a proposta, que será presente à assembleia geral a reunir brevemente.

Foi apreciado o incidente que se suscitou entre a direcção da «Batalha» e a Confederação Geral do Trabalho, sendo resolvido saúdar os jornalistas que trabalham nesse jornal, pela digna atitude mantida e exarar na acta um voto de congratulação pela maneira como o incidente foi resolvido.

A direcção registou a ausencia das individualidades convidadas para realizar as primeiras conferencias, da série que o sindicato promove no próximo mês de Março.

Fragateiros do Porto de Lisboa. — Não podendo efectuar-se ontem a assembleia deste organismo fica a mesma convocada para o dia 25, às 13 horas. Nesta reunião deverá ser inaugurado o novo estatuto e distribuídas as listas para a eleição dos novos corpos gerentes.

Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa. — Realiza-se no próximo dia 27, pelas 21 horas, a assembleia geral ordinária, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º Leitura, discussão e votação do relatório moral e administrativo da gerência de 1924; 2.º Nomeação de delegados à U. S. O.; 3.º Nomeação de delegado ao conselho geral da F. P. E. C. (Zona Sul); 4.º Eleição dos novos corpos gerentes.

O relatório, livros e mais documentação relativos à gerência de 1924, encontram-se patentes aos associados no gabinete da direcção das 21 às 23 horas.

REUNEM HOJE

Manipuladores de Pão. — Pelas 18 horas, as comissões administrativa e de melhoramentos para resolver um assunto urgente e inadiável.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa. — Reuniu a assembleia geral, tendo reiterado a confiança ao camarada Emidio Santana, seguindo-se a discussão da posição deste Núcleo perante a União dos Interesses Sociais e dum dos seus componentes, que participaram a demissão de João Miranda, ficando suspensa para continuar na próxima quinta feira, pelas 21 horas.

Reúne segunda feira a comissão organizadora.

SINDICATOS DA PROVÍNCIA

Federação dos Trabalhadores Rurais — Comissão Administrativa. — Reuniu em 17 do corrente para tratar de vários assuntos. Apreciou vario expediente a que deu o necessário despacho. Apreciou um pedido de delegado a Juromenha decidindo satisfazer, resolvendo que o mesmo delegado de uma sessão no sindicato dos Trabalhadores Rurais de Borba, visto passar por aquela localidade.

União dos Sindicatos Operários do Porto. — Reuniu o Conselho Federal desta colectividade. No expediente: officios do Sindicato Unico da Construção Civil e da Associação dos Manipuladores de Pão, acreditando novos delegados, e da Juventude Sindicalista do Porto, comunicando que nos próximos dias 22 e 23 se realizam sessões comemorativas do 5.º aniversário da sua

constituição, para as quais solicita a representação da União — nomeados os delegados dos gráficos e dos mobiliários.

A Associação de Classe dos Moços de Freixo expõe oficialmente ao Conselho a questão existente entre a classe que representa e a policia administrativa, pedindo o auxilio da União para que, junto do respectivo director da policia, se consiga uma boa solução do aludido conflito. Este assunto baixou à C. C. para lhe dar o devido andamento.

O delegado do mobiliário refere-se à prisão arbitrária de um outro delegado, da mesma industria, a pretexto de averiguações sobre as últimas bombas que explodiram. Consubstancia a sua revolta no seguinte documento que o Conselho aprova: «Considerando que as autoridades, mancomunadas com a burguesia, continuam na sua perseguição aos operários;

que essa perseguição se exerce com mais ferocidade contra os seus militantes, pelo facto de eles serem os orientadores das classes produtoras; este Conselho, reunido em 16 analisando as arbitrariedades cometidas com a enclosura dos camaradas mobiliários, pela simples razão de serem operários liberais e organizados — formula o seu veemente protesto, fazendo-o chegar ao conhecimento do chefe do distrito.

Foi igualmente resolvido que esta União tratasse do caso junto do Conselho Juridico — resolução prejudicada em consequência dos detidos já se encontrarem em liberdade.

Depois de alguma discussão a propósito da composição do Conselho Juridico, que mais uma vez vai ser remodelado, o delegado da Construção Civil iludida que a Câmara Municipal vem despedindo pessoal, preparando-se para, na próxima semana, dispensar mais 100 trabalhadores.

Contra este facto, apresenta a seguinte moção: Considerando que a crise de trabalho aumenta dia a dia;

que aos poderes constituídos compete remediar este assunto, verificando-se apenas o contrario;

que a Câmara Municipal do Porto despediu no dia 30 de Janeiro uma centena de trabalhadores, estando outros na iminência de serem despedidos durante o mês que corre — proponho que esta União officie à Câmara do Porto mandando-lhe o seu desgosto por tal procedimento e lembrando-lhe que em Paranhos dorme o sono eterno a construção definitiva daquele bairro operário que fôra deliberado edificar.

Ficou deliberado que em vez de se officiar à Câmara dando-lhe conta do critério deste documento, vá antes uma comissão.

O delegado da Construção Civil cita o facto de no Registo Civil de Vila Nova de Gaia abusivamente se exigir a cédula pessoal de quem precisa dos seus serviços.

O delegado dos manipuladores de calçado congratula-se por se encontrar no seio da União uma camarada representando a industria do vestuário, congratulação que agradece e retribui.

Tratou-se, por último, da necessidade dos organismos coadjuvarem mais eficazmente a acção da Comissão Pró-povo Espanhol, agregando-se a aquela comissão mais a delegada do vestuário; o motivo do pedido de demissão de um membro da comissão de agitação contra as forças económicas e as razões porque aquela comissão não tem reunido, sendo resolvido clamar, na imprensa, a atenção da comissão, bem como dar-se andamento a uma moção que foi aprovada na última assembleia de direcções.

Considerando que a União dos Interesses Económicos é mais uma força jesuiticamente revelada como salvadora dum país pelos mesmos arruinados;

Considerando que o parlamento, mais uma vez, deu prova da sua incompetência na questão económica servindo a desenfreada ganância da burguesia e não a vontade nacional em que contra aquela se manifestou ruidosamente;

O povo de Beja, reunido na Delegação Ferroviária a convite dos organismos operários, delegação ferroviária, associações dos rurais, construção civil e sapateiros, resolve:

1.º — Esforçar-se por manter a frente única dos trabalhadores contra a frente única da burguesia.

2.º — Protestar contra a ditadura que a U. I. E. pretende engendrar na sociedade portuguesa.

A moção foi vivamente aprovada e aclamada encerrando-se a sessão aos vivas à C. G. T. e à Batalha.

Uma imponente sessão de protesto em Sines

SINES, 20. — Na ampla sala da Associação Marítima reuniu em sessão magna a classe trabalhadora. Jaime Martins que preside descreve em breves palavras o que significa a U. I. E. e descreve os seus objectivos. Refere-se às ditaduras italiana e espanhola revelando a série horrificante de monstruosos crimes a que elas têm dado logro.

Florianio Marreiros lê um pequeno discurso contendo um ataque cerrado às maquiavélicas pretensões das hostes reaccionárias.

José da Silva Azevedo vergasta com exuberante argumentação os torpes desígnios da união dos exploradores. Lê uma local de Extremoza inserta em O Século em que um «força viva» manifestou o propósito de pegar em armas para fazer vingar a sua causa. Diz que os trabalhadores devem seguir-lhe o exemplo na defesa das liberdades ameaçadas.

José J. de Oliveira, Tomás Argente Guerreiro, Francisco da Silva, Manuel da Silva, Francisco da Cola insurgem-se contra o ignóbil movimento dos inimigos do proletariado.

António Maria da Silva verbera indignadamente as aspirações dos envenenadores do povo, que tentam escalar o poder para cercarem as liberdades existentes. Perante o perigo que nos tenta subverter temos dois caminhos a percorrer, o da vida que compreende a luta já encetada ou a morte que representa a cobardia. Optemos logicamente pela primeira não hesitando em lançarmos mãos das armas para a defender.

José Maria Ferreira aprecia a pretensa ditadura da chamada U. I. E. considerando-o o regresso aos tempos medievais. Narra as formidáveis lutas que os obreiros têm

constituição, para as quais solicita a representação da União — nomeados os delegados dos gráficos e dos mobiliários.

A Associação de Classe dos Moços de Freixo expõe oficialmente ao Conselho a questão existente entre a classe que representa e a policia administrativa, pedindo o auxilio da União para que, junto do respectivo director da policia, se consiga uma boa solução do aludido conflito. Este assunto baixou à C. C. para lhe dar o devido andamento.

O delegado do mobiliário refere-se à prisão arbitrária de um outro delegado, da mesma industria, a pretexto de averiguações sobre as últimas bombas que explodiram. Consubstancia a sua revolta no seguinte documento que o Conselho aprova: «Considerando que as autoridades, mancomunadas com a burguesia, continuam na sua perseguição aos operários;

que essa perseguição se exerce com